NOÇÕES DE NUMISMÁTICA (V)

XII

NUMISMÁTICA GREGA

2a. parte

SISTEMAS MONETÁRIOS (eginético, pérsico, lídico, eubóico ou ático, fócio, quiótico, lesbiano, milesiano, samiano, coríntio). **A MOEDAGEM DE PRATA DE ATENAS NO SÉCULO V. COMO DESAPARECERAM AS MOEDAS GREGAS.**

SISTEMAS MONETÁRIOS.

Na numismática grega, devemos ter em vista os vários sistemas monetários que vigoraram na Antigüidade, conhecendo a sua origem, a derivação e o modo como se propagaram entre os diversos povos helênicos e afins.

Não trazendo as moedas gregas indicação do valor, êste estudo é particularmente baseado nos padrões e pesos da sua moedagem que variava segundo a localidade e a época; por essa razão, é cheio de dificuldades e, em muitos pontos ainda obscuro. São problemas que interessam à Metrologia antiga, questões que se prendem aos sistemas ponderais usados pelos povos da mais remota Antigüidade, anteriores mesmo a invenção da moeda. Como a Metrologia apresenta ainda muitas dúvidas e às vêzes simples hipóteses, embora plausíveis, e como esta ordem de indagações se prende mais à história do comércio e da vida econômica dos povos da Antigüidade do que pròpriamente à Numismática, será bastante ter presente o *sistema monetário ático ou eubóico,* que foi o mais difundido entre os gregos.

Nos sistemas monetários gregos, distinguem-se geralmente três grupos de moedas por graduação:

1.° — A *dracma* com seus múltiplos até a *dodecadracma;*

2.° — O *óbolo,* igual a 1/6 da dracma, com seus múltiplos até ao *pentóbolo;*

3.° — O *tetartemorion,* pequena moeda igual a 1/4 do óbolo ou seja 1/24 da dracma, com seus múltiplos até ao *tritemorion.*

SISTEMA MONETÁRIO ÁTICO OU EUBÓICO.

Base da subdivisão da prata.

	Dracma (unidade de valor)	6 óbolos	.....	4,36 grs.
Dracmas múltiplos	Decadracma ..... exemplares raros; época de Maratona	12 "	10 dracmas ..	43,60 grs.
Dracmas múltiplos	Tetradracma ..... a mais comum de tôdas as divisões		4 " ..	17,46 grs.
Dracmas múltiplos	Didracma ou estáter ..... rara; começo do V século		2 " ..	8,72 grs.
Divisões — Óbulo	*óbolo* (comum)		1/6 da " ..	0,72 grs.
Divisões — Óbulo	Pentóbolo ..... divisão mencionada nos textos ao findar o século V; cunhada na época de Alexandre. (rara).	5 óbolos	2/3 " " ..	3,62 grs.
Divisões — Óbulo	Tetróbolo ..... divisão excepcional (rara).	4 "	2/3 " " ..	2,91 grs.
Divisões — Óbulo	Trióbolo ..... (comum)	3 "	1/2 " " ..	2,18 grs.
Divisões — Óbulo	Dióbolo	2 "	1/3 " " ..	1,45 grs.
Divisões — Óbulo	Triemióbolo	1.1/2 "	1/4 " " ..	1,09 grs.
Divisões — Óbulo	Hemióbolo	1/2 "	1/12 " " ..	0,36 grs.
Divisões — Tetartemorion	*Tetartemorion*	1/4 "	1/24 " " ..	0,18 grs.
Divisões — Tetartemorion	Tritemorion	3/4 "	.....	0,54 grs.
Divisões — Tetartemorion	Triemitartemorion	3/8 "	.....	0,27 grs.
Divisões — Tetartemorion	Hemitartemorion	1/8 "	.....	0,09 grs.

Além dos valores constantes desta relação, foram cunhadas peças de pesos superiores, como por exemplo:

Octodracma ..... valor ..... 8 dracmas
Dodecadracma ..... " ..... 12 "

Como unidade de conta foram adotados:

Talento ..... valor ..... 6.000 dracmas
Mina ..... " ..... 100 "

A *mina* que era a unidade de pêso, tinha 436,90 grs., a centésima parte da qual constituia a dracma, ou seja a unidade dos valores monetários.

Quanto ao ouro, o sistema consistia no *estáter de ouro*, de pêso correspondente a didracma de prata, valendo 20 dracmas.

SISTEMA ÁTICO OU EUBÓICO.

Quadro da moedagem de ouro

Pentastater ou decadracma de ouro	43,65 grs.
Tetrastater ou octodracma de ouro	34,92 "
Distater ou tetradracma de ouro	17,46 "
Estáter ou didracma de ouro	8,72 "
1/2 *estáter* ou dracma de ouro	4,36 "
1/3 *estáter* ou tetróbolo de ouro	2,91 "
1/6 *estáter* ou dióbolo de ouro	1,45 "
1/8 *estáter* ou triemióbolo de ouro	1,09 "
1/12 *estáter* de óbolo de ouro	0,72 "

Excepcionalmente cunharam-se algumas vêzes moedas de ouro de pêso mais elevado do que consta da relação acima, como o *eucrátides*, eqüivalente a 20 *estáteres* ou 40 *dracmas de ouro*, como está demonstrado com um exemplar desta moeda existente no Museu de Paris.

Moedas de bronze.

A unidade monetária do bronze era o *calco* (do grego *khalkos*) que significava *bronze* e que era a 1/8 parte do óbolo.

Havia o *lepton* (pal. gr. derivada de *leptos*, delgado) moeda muito pequena usada pelos gregos, valendo 1/7 do óbolo e pesando 0,13 grs.

O *dicalco* (do pref. *di* e do gr. *khalkos*, bronze) era também uma pequena moeda de bronze entre os gregos. Valia 2 *calcos* ou 14 *lepta* (forma do plural) ou seja 1/4 do óbolo.

Entretanto, tôdas essas relações relativas às moedas de bronze, são incertas. As moedas mais comuns, eram os *estáteres de ouro* de Filipe II da Macedônia, as *dáricas de ouro* dos reis da Pérsia, as *tetradracmas* de Atenas, as de Alxeandre Magno e as de Lisímaco, rei da Trácia. Na prata, os *estáteres de prata* ou *didracmas* de Corinto.

* * *

Pelo que acabamos de expor, nota-se que o valor nas moedas gregas, era determinado pelo pêso, independentemente da forma e do diâmetro. Uma *tetradracma*, por exemplo, podia-se apresentar pequena e grossa ou de módulo maior ou ainda de disco mais fino, sem contudo deixar de pertencer à mesma classe. No numerário grego, em vão se procurará a exatidão de pêso e de volume como se constata geralmente nos sistemas monetários em uso nos países

modernos. O pêso que se indica como normal para uma determinada moeda grega, nada mais é do que a média obtida dos vários pesos encontrados nos seus exemplares, os quais muitas vêzes variam de maneira sensível. Os antigos moedeiros que tanto se aperfeiçoaram na incisão de cunhos tão artísticos, não conheceram o apuro da técnica moderna, nem os aperfeiçoamentos materiais que nos dão hoje peças quase idênticas. A moedagem antiga apresenta-se quase sempre, como já tivemos ocasião de dizer ao estudar a fabricação da moeda, com uma orla mais ou menos irregular e o cunho geralmente descentralizado, fazendo exceção, entretanto, as moedas de ouro cunhadas com mais cuidado e oferecendo uma surpreendente regularidade de pêso.

A escala de múltiplos e divisões, se manteve sempre a mesma e partindo-se dêste princípio, podemos admitir que entre os gregos e os outros povos que sofreram sua influência, existiram vários sistemas monetários que tinham por base a *dracma* ou unidades diferentes. Estas divisões não foram cunhadas também tôdas ao mesmo tempo, nem nas mesmas casas monetárias, variando além disso sua taxa normal, segundo as circunstâncias políticas e a menor ou maior abundância dos metais preciosos que em determinadas ocasiões influiam na alta ou na baixa dos valores.

Vejamos quais foram êsses sistemas monetários considerados como principais:

Eginético	*Quiótico*
Pérsico	*Lesbiano*
Lídico	*Milesiano*
Ático ou *Eubóico*	*Samiano*
Fócio	*Corintio*

A generalização do uso da moeda deu-se no século VII a. C., como já vimos, entre os povos do Mediterrâneo Oriental, no tempo em que não havia a unidade política que hoje existe, por isso que os povos viviam em cidades autônomas cuja hegemonia era disputada entre as mais poderosas; daí, não ter existido uma rigorosa uniformidade de sistemas, porque as moedas se reportavam aos pesos usados em cada cidade, muito embora as denominações da unidade monetária e dos múltiplos, assim como das suas divisões, fôssem as mesmas.

A unidade monetária como já vimos, era a *dracma* para a prata e o *estáter* para o ouro, consideradas como *moedas efetivas;* para as quantias mais elevadas, o *talento* e a *mina,* tidas como *moedas de conta*.

Isto explicado, vamos mostrar sòmente os diversos sistemas monetários que tiveram maior extensão na antiga Grécia.

SISTEMAS MONETÁRIOS
moedas de electrum

Sistemas	Peso do estáter em gramas
Milesiano	14,56 grs. a 13,92 grs.
Fócio	16,82 grs. " 15,36 grs.
Eubóico	17,46 grs.

Moedas de ouro

SISTEMA DA LÍDIA — CRESÊIDA DE OURO

1.º grupo ou forte

Estáter ..... 10,89 grs.
sub-múltiplos 1/2, 1/10, 1/12 do estáter.

2.º grupo ou fraco

Estáter ..... 6 grs. 17
sub-múltiplos 1/2, 1/3, 1/6, 1/12 do estáter.

Moedas de prata

SISTEMA DA LÍDIA — CRESÊIDA DE PRATA

	Estáter	(didracma)	10 grs. 89
Hemi	"	(dracma)	5 " 44
1/3	"	(tetróbolo)	3 " 63
1/6	"	(dióbolo)	1 " 81
1/12	"	(óbolo)	0 " 90

SISTEMA PERSA
Ouro

Dárico (26)	8 grs. 415
Mais tarde houve:	
Duplo dárico	16 " 83
Dárico	8 " 415
Hemi-dárico	4 " 207

Prata

Siclo Médico	5 " 60
Mais tarde houve:	
Meio siclo	2 " 80

(26). — *Dárico*. A moeda denominada *dárico* era de ouro sem liga e tinha por cunho no anverso um homem barbado com a cabeça ornada pela corôa radial, tendo às costas um carcaz cheio de frechas, o joelho em terra e numa das mãos um arco e na outra uma lança ou um punhal; o reverso é ocupado por uma área retangular cavada na moeda. Havia alguns meio dáricos e duplos dáricos; êstes últimos tinham no reverso uma área elíptica guarnecida de estrias paralelas, onduladas. As peças de prata que tinham o mesmo tipo e a que os numismatas chamavam igualmente dáricos eram designadas na Antigüidade pelo nome de *sicla* ou *sicla médica*. A amoedação do ouro, era reservada ao rei; os governos locais deviam limitar-se à moeda de prata ou de bronze.

SISTEMA DE MILETO

Prata

Tetradracma	14	grs.	56	a	13	grs.	92
Didracma	7	"	28	"	6	"	96
Dracma	3	"	64	"	3	"	48
Tetróbolo	2	"	42	"	2	"	32
Trióbolo	1	"	82	"	1	"	74
Dióbolo	1	"	21	"	1	"	16
Trihemióbolo	0	"	91	"	0	"	87
óbolo	0	"	60	"	0	"	58
Hemióbolo	0	"	30	"	0	"	29
Trihemi-tartemorion	0	"	22	"	0	"	21
Tertemorion	0	"	15	"	0	"	14

SISTEMA DE SAMOS

(Reforma de Policrates)

Prata

Tetradracma	13	grs.	28
Didracma	6	"	64
Dracma	3	"	32
Tetróbolo	2	"	21
Trióbolo	1	"	66
Dióbolo	1	"	11
Trihemióbolo	0	"	82
óbolo	0	"	55
Hemi-óbolo	0	"	27

SISTEMA DE QUIOS

Prata

Tetradracma	15	grs.	88
Didracma	7	"	94
Dracma	3	"	97
Tetróbolo	2	"	64
Trióbolo	1	"	98
Dióbolo	1	"	32
Trihe-óbolo	0	"	99
óbolo	0	"	66
Hemi-óbolo	0	"	33
Trihemi-tartemorion	0	"	24
Tartemorion	0	"	16
Hemi-tartemorion	0	"	08

SISTEMA FÓCIO

Prata

Tetradracma	16	grs.	82
Didracma	8	"	41
Dracma	4	"	205

Tetróbolo	2	”	80
Trióbolo	2	”	10
Dióbolo	1	”	40
óbolo	0	”	70
Hemi-óbolo	0	”	35
Trihemi-tartemorion	0	”	262
Tartemorion	0	”	175
Hemi-tartemorion	0	”	0875
Trihemi-óbolo	1	”	85

SISTEMA DE LESBOS

Prata

Tetradracma	15	grs.	36
Didracma	7	”	68
Dracma	3	”	84
Pentóbolo	3	”	20
Tetróbolo	2	”	56
Trióbolo (hemi-dracma)	1	”	92
Dióbolo	1	”	28
Trihemi-óbolo	0	”	96
óbolo	0	”	64
Hemi-óbolo	0	”	32
Trihemi-tartemorion	0	”	24
Tartemorion	0	”	16
Hemi-tartemorion	0	”	08

SISTEMA EGINÉTICO

Prata

Didracma	12	grs.	57
Dracma	6	”	28
Trióbolo	3	”	14
Dióbolo	2	”	09
Trihemi-óbolo	1	”	57
óbolo	1	”	04
Hemi-óbolo	0	”	32
Tartemorion	0	”	26

SISTEMA EUBÓICO OU ÁTICO

Prata

Tetradracma	4 dracmas	17	grs. 46
Didracma	2 dracmas	8	” 73
Dracma (unidade monetária)	6 óbolos	4	” 365
Tetróbolo	4 óbolos	2	” 92
Trióbolo	3 óbolos	2	” 19
Dióbolo	2 óbolos	1	” 46
Trehemi-óbolo	1 1/2 óbolos	1	” 09
óbolo		0	” 73
Tritartemorion	3/4 óbolo	0	” 54
Hemi-óbolo	1/2 óbolo	0	” 365
Tartemorion	1/4 óbolo	0	” 18
Hemi-tartemorion	1/8 óbolo	0	” 09

Ouro

Pentestáter ou dedadracma	45 grs.	65
Tetrastáter ou octodracma	54 "	92
Distatero ou tetradracma	17 "	46
Estáter ou didracma	8 "	73

(unidade monetária)

1/2	"	ou dracma	4 "	365
1/3	"	ou tetróbolo	2 "	92
1/6	"	ou dióbolo	1 "	46
1/8	"	ou trihemi-óbolo	1 "	09
1/12	"	ou óbolo	0 "	73

SISTEMA DE CORINTO

Prata

		corresponde:
Estáter	8 grs. 75	(didracma ático)
Dracma	2 " 92	(tetróbolo ático)
Trióbolo ou hemi-dracma	1 " 45	(dióbolo ático)
óbolo (1/6 da dracma)	0 " 48	(hemióbolo eginético)
Hemióbolo (1/12 da dracma)	0 " 24	(tartemorion eginético)

RELAÇÃO DOS VALORES DA DRACMA DE PRATA NOS DIVERSOS SISTEMAS MONETÁRIOS GREGOS E AFINS.

Sistemas	*Pesos*	
Eginético	6 grs. 28	
Pérsico	5 " 60	(Siclo médico)
Lídico	5 " 44	(Hemi-estáter)
Eubóico ou ático	4 " 36	
Fócio	4 " 205	
Quiótico	3 " 97	
Lesbiano	3 " 84	
Milesiano	3 " 64	
Samiano	3 " 32	
Coríntio	2 " 90	

A MOEDAGEM DE PRATA DE ATENAS NO SÉCULO V.

Se a *dracma* foi a base dos sistemas monetários gregos, todavia, as moedas de prata mais típicas foram a *didracma* e a *tetradracma*.

A *mina* que era a unidade de pêso dos gregos, valia em Atenas 100 dracmas, a centésima parte da qual constituia a dracma, ou seja a unidade dos valores monetários. A *mina* pesava 436,90 grs., um pouco mais do que a libra.

Mas de tôdas essas divisões, a *tetradracma* foi a única moeda investida de representação internacional.

A intervenção de Atenas na contenda de Córcira e de Corinto, as questões de Platéia e de Tebas, foram o pretexto para a

luta que rebentou em 431 a. C. entre as duas grandes cidades da Grécia, Esparta e Atenas e que passou à História com o nome de Guerra do Peloponeso. Durou essa célebre luta vinte e sete anos. A grandeza da democracia ateniense excitava o ciúme de Esparta; ao redor desta, juntavam-se em geral os povos continentais, as aristocracias, o elemento dórico; à Atenas ligaram-se as ilhas e as cidades marítimas, as democracias, o elemento jônio. Libertadora da Grécia, Atenas acabava de impor aos persas a paz de Cimon que libertava tôdas as cidades gregas da costa da Ásia; o seu domínio sôbre esta costa compreendia 300 léguas, de Chipre ao Bósforo da Trácia e era o centro de um vasto império marítimo. Atenas estava então no apogeu do seu poder e da sua glória.

Atenas impunha sua moedagem e daí ter sido a *tetradracma ateniense* a moeda de representação internacional. Foi cunhada em abundância e Atenas se esforçava para a impor legalmente por tôda a parte em lugar do numerário local.

Desde o momento em que Egina se tornou Estado tributário, em 456, Atenas ordenou que cessasse a emissão de seus *estáteres* com a representação da tartaruga. Os eginetas ficaram sòmente com o direito da moedagem da *dracma* e suas divisões para atender às necessidades cotidianas de seus habitantes. E assim o *estáter* que por muito tempo dominou nas Cícladas e nas costas do mar Egeu, foi de um momento para outro banida da circulação internacional.

As cidades da Eretria e Caristos na Eubéia, não tiveram outra moeda no século V, a não ser a dracma. Andros, a ilha mais setentrional das Cícladas, cessou tôda a moedagem, o mesmo acontecendo em Cartéia, Coréssia e Julis, na ilha de Ceos, no mar Egeu. As cidades de Tinos, Sifnos e Naxos, viram-se forçadas a fechar suas casas monetárias e a firmar uma aliança com os atenienses, fôsse por livre vontade ou constrangidos pela fôrça das armas.

As demais cidades não abriram suas oficinas senão após a derrota dos atenienses na Sicília em 413 a. C. ou com a queda de Atenas em 404. Melos, a antiga cidade da ilha de Milo no mar Egeu, onde foi descoberta a célebre Vênus de Milo, hoje no Museu do Louvre, ao contrário, teve suas estáteres de prata com o pêso do sistema milesiano que se prende ao século V. Mas esta notável série continuou sendo cunhada por Melos, apesar de não ter havido nenhum acôrdo com Atenas. Sôbre as costas da Ásia Menor, Mileto, Cnido, Halicarnasso, Iasos, Ialisos e Camiros, não emitiram senão pequenas moedas, mas com a condição de serem tributárias da Liga Ateniense.

As exceções a esta lei rigorosa se explica por circunstâncias particulares. A ilha de Cos, integrante das chamadas Espórades, situada no Mediterrâneo perto da costa da Ásia Menor e que fêz parte da Liga, por exemplo, continuou cunhando suas belas tetradracmas com os tipos do carangueijo e de Apolo discóbolo; mas estas grandes peças com o pêso ático, não eram emitidas senão com intervalos longos e sòmente por ocasião das festas federais dedicadas a Apolo Triopiano, que se celebrava em Tropoion, na Cária.

Samos, Lesbos e Quios, tiveram também suas tetradracmas, porque fazendo parte da Liga, estavam no mesmo pé de igualdade com Atenas; longo tempo elas foram aliadas dos atenienses e não submissas, tendo fornecido à Liga sua contribuição não pecuniária, mas oferecendo suas frotas, cujo regulamento, equipamento e soldos corriam sob a responsabilidade dessas cidades.

Êfeso cunhou, antes de entrar na Confederação em 469, os estáteres de prata de 13,60 grs. Se, depois desta data essas moedas continuaram a ser emitidas, foi sem dúvida em virtude de uma convenção particular com Atenas para pagamento dos gastos com a reconstrução do Artemorion, templo dedicado a Artemis, uma das grandes divindades gregas e que fôra incendiado. O novo templo foi terminado em 460 e a cunhagem dos estáteres de 13,60 grs., cessou nesse momento.

Colofon, Erétria e Clazomenas, cidades da Jônia, não tiveram até o século V, senão pequenas moedas cunhadas para atender às necessidades de seu pequeno comércio que não ultrapassava os suburbios.

As cidades de Eulida, Nísia e a região da Troada, na Ásia Menor, não cunharam até o século V, senão dracmas e suas divisões. Assim também Cime (na Eulida), Cébreu, Dardanos, Gargara, Abidos, Astacus, Parion, Lampsaco, Tênedos Calcedônia e Bizâncio não tiveram peças superiores à dracma nas suas séries do século V; o mesmo se poderá dizer de Heracléia de Bitínia e Sinope que, malgrado a distância, eram clientes de Atenas; assim acontecia com Selímbria e Quersoneso.

Verifica-se, todavia, nas paragens do mar da Trácia, algumas exceções à regra geral. Muitas cidades da costa meridional da Trácia, embora tributárias de Atenas, não pareciam ter sido contrariadas na emissão de suas tetradracmas autônomas. Abdera, Aeniana, Maronéia, continuaram suas cunhagens com os tipos das aves de rapina, a cabeça de Hermes e do bode, do cavalo e da cepa da videira. E' que as cidades da Trácia meridional encarregadas por Atenas de manter em respeito as Trácias Odrisas, não tinham frotas nem comércio no mar Egeu; o numerário au-

tônomo com que elas pagavam suas milícias de terra, não podiam concorrer com as *corujas* nos portos mediterrâneos.

Tasos, que na Antigüidade gozou de grande prosperidade graças às suas minas de ouro e que tendo se revoltado contra os atenienses foi por êles dominada, teve seus estáteres; Acanto, cidade da antiga Calcídica na margem do gôlfo de Strina, prosseguiu na cunhagem de suas tetradracmas com o tipo do leão devorando um touro, até 424, quando assinou uma aliança com Esparta. Era ao tempo da expedição de Brásidas e o começo da admirável cunhagem das moedas de Anfípolis, que se originou da intervenção dos lacedemônios (27).

As outras cidades da costa macedônica, Teroné, Olinto, Potidéia, na ilha de Poparetos no mar Egeu, restringiram sua moedagem autônoma à dracma e suas divisões, seguindo a lei comum imposta por Atenas.

Quanto às cidades que cunhavam em *electrum*, Atenas não cogitou em contrariar o exercício de seus direitos monetários. Durante todo o século V, Focéia e Mitilene emitiram suas formosas *hectés phocaides* em electrum e Cízico suas esplêndida série dos estáteres do mesmo metal. Atenas não só respeitou o estáter de *electrum* de Cízico, como dêle se serviu para sua moeda nacional no desenvolvimento do seu comércio na Propôntida e no Ponto-Euxino. Ao contrário, para a sua moedagem de prata, Cízico, Focéia e Mitilene não fizeram exceção à regra; durante todo o século V, elas não cunharam senão pequenas peças para a circulação urbana.

Assim, no comércio das cidades da bacia do mar Egeu e mesmo além, desde o começo e durante o tempo da talassocracia ateniense, as tetradracmas com a cabeça de Atenas e a coruja subs-

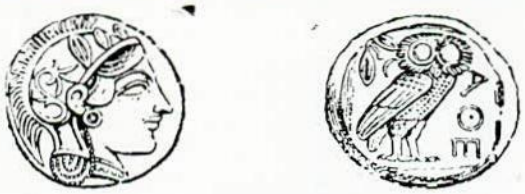


Fig. 38. — Tetradracma de Atenas.

tituem a moedagem local indígena tão freqüentemente que, quando vemos se produzir excepcionalmente a moedagem de seus estáteres autônomos em qualquer cidade da Liga, perguntamos se

(27). — *Brásidas*, general esparciata que tomou parte ativa na guerra do Peloponeso. Defendeu Metona contra os ateniensese em 431 e foi vencido e ferido em Pilos em 426. Depois voltou à Macedônia e sublevou contra Atenas a maior parte das cidades da Calcídica. Na batalha de Anfípolis, venceu e matou Cleon, mas foi também ferido mortalmente (422 a. C). Foram instituidas em Anfípolis festas em sua honra, chamadas Brasidéias.

não se trata de um testemunho ou prova de independência ou insubordinação contra o protetorado ateniense, ou se outras cidades não teriam entrado na Liga impondo suas condições, quer dizer, em virtude de tratados especiais que lhes conferiam direitos monetários.

Estas condições rigorosas se modificaram com o tempo. Quando os aliados e os tributários de Atenas acreditaram que o perigo persa estava para sempre conjurado, concluiram que a continuação da hegemonia ateniense não era mais necessária. Êles sentiam que as vitórias de Cimon alcançadas em parte com seu dinheiro e seus barcos, beneficiava apenas Atenas. Êles viam com despeito os atenienses embelezarem sua capital com o dinheiro de todos. Houve murmúrios de repulsa, seguido da recusa de pagamento do tributo anual e depois revoltas que foram duramente castigadas em Naxos, Tasos e Megara, na Eubéia (28).

Péricles, o notável ateniense, compreendeu que reformas se impunham; em 443, êle admitiu o princípio da revisão periódica das tarifas, o que nunca se fêz. A revolta mais terrível que Atenas foi obrigada a reprimir, foi a de Samos em 440. A todo o preço, ela não permitiu que a inssurreição tomasse vulto e se propagasse e Samos sucumbia em 439. As cidades que lhe tinham sido simpáticas, Mileto, Bizâncio, Potidéia e Mitilene, foram tratadas sem consideração e a Melos, que resistiu por mais tempo, os atenienses mataram seus homens, reduziram à escravidão suas mulheres e crianças, transformando-a numa colônia em 415 a. C.

Atenas se impunha pelo terror, mas assim que circularam as primeiras notícias dos desastres da expedição da Sicília, em outubro de 413, uma deserção geral teve lugar: os dias do Império ático estavam contados.

Entre as medidas tomadas pelos atenienses para conservar sua hegemonia e que desgostou em demasia seus tributários, foram os regulamentos que impunham o uso das tetradracmas com a coruja e a supressão ou retraimento da moedagem local. Uma passagem de Aristófanes na comédia dos Pássaros, representada pela primeira vez em 414, faz alusão a êste monopólio monetário que Atenas pretendia exercer. Algumas inscrições guardam sôbre êsses fatos algumas referências.

---

(28). — *Cimon*, general ateniense, d'stinguiu-se na batalha de Salamina. Foi eleito chefe da armada da confederação de Délos; depois o exílio de Temístocles tornou-o primeiro cidadão de Atenas e durante vinte anos dirigiu a guerra contra os persas. Primeiro guerreou na Trácia, apoderou-se de Bizâncio e das praças do Helesponto, fêz entrar as cidades da Calcídia na liga marítima (470 a. C.). Em 465, com duzentos navios, tomou aos persas as costas da Ásia Menor; depois destruiu um dos seus exércitos e duas de suas esquadras na embocadura do Eurimedon. Em 462 enviou uma expedição contra Tasos e Naxos. Estava então em todo o esplendor do seu poderio e parece ter sido neste período o mais influente dos atenienses.

No tempo da guerra do Peloponeso, Atenas fêz afixar nas praças públicas de tôdas as cidades tributárias, decretos que interditavam as moedas autônomas. Dos exemplares conservados dessa época, um em Esmirna e o outro na ilha de Sifnos, vemos que eram das mais severas as penas impostas aos moedeiros da prata que se servissem de outros pesos e medidas que não os usados em Atenas.

Os acontecimentos davam razão a êste abuso da fôrça, porque punham têrmo ao papel econômico que representava a moeda ateniense. A ocupação de Decélia, uma das doze cidades da confederação jônica, onde se estabeleceram os espartanos por conselho de Alcibíades para daí destruirem constantemente as melhores terras da Ática (413 a. C.), obrigou mesmo os atenienses a suspenderem a exploração das minas do Lauriom. *Les chouettes étaient de leur nid* (Babelon, *les monnaies grecques*).

Em 407, a penúria financeira obrigava os atenienses a esgotar suas reservas da Acrópole e mesmo a fundir as Vitórias de ouro que decoravam o acesso ao Partenon, para fabricação de suas moedas e logo a seguir, em 406, recorriam pela primeira vez à moedagem de bronze.

Assim, a moeda de ouro de Atenas no ano de 407 não foi mais do que uma moeda de necessidade; ela foi retirada da circulação logo que os embaraços financeiros da cidade permitiram a troca pela moeda de prata.

Quanto à moeda de bronze, nós sabemos por Aristófanes, do acolhimento desfavorável que lhe foi feito em 406. As vendedoras do mercado de Atenas tinham o hábito de colocar na bôca as minúsculas divisões da moeda de prata. Quando em 406 foram emitidas pela primeira vez as peças de bronze, elas continuaram com o antigo costume de pôr na bôca os novos exemplares, embora fôsses êles mais volumosos e pesados. Uma das peças em cena na época, a *Assembléia das mulheres*, apresenta uma personagem com a bôca cheia de peças de bronze, justamente quando um arauto governamental acabava de proclamar o decreto de proibição das moedas dêsse metal.

Entretanto os bronzes, menosprezados, apresentavam um caráter mais prático do que as peças de prata, pesando apenas alguns centigramos. Se êles eram mais incômodos para serem colocados na bôca, pelo menos não estavam tão expostos a se perderem fàcilmente como os tartemorions de prata. Assim, depois de terem desaparecido num instante e sob os sarcasmos da rotina, a

moeda de bronze renasceria em 313 sob o arcontato de Cálias, mantendo-se e propagando-se (29).

O exemplo de Atenas foi por todos imitado. O bronze foi cunhado em tôdas as cidades helênicas a partir dos primeiros trinta anos do século IV.

COMO DESAPARECERAM AS MOEDAS GREGAS.

Sabemos que, mais de 1400 cidades ou povos gregos e 500 reis os dinastas do mundo helênico, cunharam moeda em seus nomes, nas condições mais variadas de tipos, de legendas e de emissões. Se em determinada cidade não havia às vêzes senão uma moedagem momentânea, em compensação outra cidade já possuia casa monetária que cunhava desde o século VII, quando do aparecimento da moeda, até o século III d. C.; por exemplo: Atenas, Êfeso, Samos, Cízico.

O desaparecimento desta moedagem, cujo desenvolvimento tão fecundo e tão variado alimentou durante séculos o comércio do mundo mediterrâneo, não se fêz ràpidamente e sua substituição pela moeda uniforme dos romanos, deu-se de forma lenta e progressiva. Ela fêz-se por etapas sucessivas e para que se tornasse completa esta evolução econômica e histórica, foi necessário fazer uma seleção entre os metais monetários.

As últimas moedas de ouro do Oriente, não são mais os *estáteres* de Mitridates, o Grande, rei do Ponto, vencido pelos romanos (135-63 a. C.), mas sim as peças de ouro de seus sucessores, Farnaces II filho do grande Mitridates e que tendo traído seu pai em favor dos romanos foi por êstes recompensado com o reino do Bósforo (63-47 a. C.) e Asandro (Quersoneso Táurico), nomeado governador do Bósforo por seu cunhado Farnaces II, de quem tomou o lugar depois de sua derrota por Júlio César em 47, e que tiveram curso como moedas independentes. Mais tarde, na época imperial, os reis do Bósforo fizeram cunhar os *áureos*, se bem que reconhecendo o protetorado político de Roma. Mas, se a efígie do rei vassalo dos romanos se apresentava numa das faces da moeda, a outra era ocupada pela cabeça e o nome do imperador reinante. Assim, pois, a fabricação da moedagem não

(29). — *Arconte*. Nome dado aos principais magistrados em muitas cidades gregas e especialmente em Atenas. Os arcontes eram tirados à sorte (um por cada tribo) e a sua vida era sagrada enquanto estivessem no exercício das suas funções. Terminadas estas, prestavam conta da sua administração ao povo que para êsse efeito se reunia e entravam então de direito no Areópago se não fôssem objeto de alguma acusação.

O arcontado decaiu da sua importância nos últimos anos do século V a. C. à medida que foi engrandecendo o poder dos estrátegos; mas a instituição subsistiu ainda por muito tempo, conseguindo manter-se até ao século V da nossa éra.

estando controlada com o rigor da administração romana, a liga do metal foi se alterando gradualmente; se até Sármata I, contemporâneo de Trajano a moeda foi de ouro, daí por diante passou a ser de *electrum*, de prata, de bilhão e finalmente de bronze; neste último metal, o numerário do Bósforo prolongou-se até a época constantiniana.

Vê-se que o numerário em ouro dos reis do Bósforo, não foi senão uma exceção exporádica e momentânea da lei romana que desde os tempos de Augusto, impôs o *áureo* romano (*la sacra moneta*) exclusivamente e sem divisão em tôda a extensão do *orbis romanus*.

A moeda de prata não foi proscrita com o mesmo rigor, nem tão bruscamente. Convém distinguir sôbre êsse ponto de vista, as moedas reais e as moedas urbanas. Desaparecidas as dinastias reais, os romanos punham fim ao mesmo tempo à moedagem real. Mas os reis independentes do poder de Roma, continuaram a exercer seus direitos monetários em tôda a sua plenitude. A grande moedagem de prata no Oriente ao tempo do Império Romano, foi a dos partos-arsácidas, os irreconciliáveis inimigos de Roma. Nada tão comum ainda hoje do que vermos nas bilhas dos mercadores orientais ornamentando-as, as tetradracmas ou as dracmas dos Fraates rei dos partos (178 a. C.), Orodes (36 a .C.), Mitridates e Vologeso que cunharam sem descontinuidade até a queda de sua monarquia com Artaban IV, o último dos arsácidas, em 226 de nossa éra.

Os reis dos nabateus tiveram moedagem de prata até a metade do século I. Os judeus revoltados contra os romanos nos reinados de Vespasiano e Adriano, também tiveram moedas nesse mesmo metal com legendas judias, enquanto que sob a administração dos procuradores romanos, a casa de cunhagem de Jerusalém, não emitiu senão moedas de bronze com legendas gregas.

Quanto ao numerário de prata das cidades gregas, os romanos só procederam a sua supressão de forma lenta e gradual para não abalar bruscamente os hábitos do comércio e a suscetibilidade das populações. E' assim que depois do estabelecimento do protetorado romano em 229, Córcira e Apolônia na Ilíria, mantiveram durante longo tempo o direito de emitir peças de prata com os tipos reservados às cidades autônomas, mas modeladas segundo o estalão do *denário* e do *vitoriato* romano. A partir de Júlio César, em 48 d. C., estas duas grandes casas de moeda não emitiram senão bronze, até sua extinção definitiva durante o reinado do imperador Caracala (217 d. C.).

Na Macedônia, após a queda da realeza, as tribos trácias continuaram durante longo tempo a imitar de maneira perfeita ou

não, as grandes peças de Alexandre, de Maronéia, a antiga cidade da Trácia, de Tasos e do rei peoniano Audoleon. Os tipos cada vez mais deformados, chegaram ao extremo do barbarismo na região média e alta do Danúbio, quando penetraram até na Gália.

Na Ásia Menor, depois de haverem romanizado as *cistóforas*, os romanos criaram os medalhões cistofóricos com legendas latinas, aos quais se ligavam pequenas peças gregas com a efígie de Nero, cunhadas em Êfeso; estas peças traziam mencionado o seu valor, pesando 7,25 e 3,62 grs. e a elas correspondiam o duplo denário e o denário de cobre romano.

Mas êste numerário-estalão, foi excepcional e não teve continuidade. Êfeso, até Galieno, não cunhou senão em bronze, o mesmo acontecendo de uma maneira geral, às demais cidades da Ásia Menor, citando-se entretanto, algumas exceções.

Adriano, que tratou no curso de suas viagens de restaurar a vida municipal e econômica das cidades gregas, restabeleceu a moeda de prata em Amisus, antiga cidade do Ponto; a moedagem até aí em uso, desde Marco Aurélio, era de estanho, quando passou a ser substituída pela de bronze até ao reinado de Galieno.

No tempo de Vespasiano, de Trajano e depois de Septímio Severo, sem dúvida por ocasião das expedições militares, as peças de prata com legendas gregas fizeram sua aparição nas cidades da Fenícia (Tiro, Sidon, Tripoli e Beritos). Esta moedagem local, não foi senão temporária e ocasional.

Sòmente três grandes casas monetárias, Alexandria no Egito, Cesaréia na Capadócia e Antioquia na Síria, foram mantidas de maneira definitiva e permanente pelos romanos para a cunhagem da prata, a fim de que pudessem acudir ràpidamente às necessidades da circulação comercial nas regiões mais afastadas da Itália. Era importante fornecer também o numerário para pagamento do soldo das tropas enviadas contra os partos, sempre prontos a transpor a fronteira do Eufrates, o grande rio da Ásia ocidental.

Existiram moedas gregas de prata de muito boa lei em Cesaréia, ao começar a época imperial, até Gordiano, o Piedoso. Antioquia produziu também uma grande série de exemplares de prata com as efígies imperiais e que circularam até o reinado de Vologeso; as últimas séries não foram mais que uma cunhagem de moedas banhadas de prata ou moedas de bilhão. Quanto a Alexandria do Egito, ela emitiu em profusão grossas peças de prata baixa, bilhão ou *potin*, desde Tibério até a época constantiniana.

Fora destas três grandes casas monetárias do Oriente que funcionaram regularmente durante muitos séculos, as raras exceções que acabamos de citar em nada viriam anular a regra, pois sob o Império Romano, o numerário emitido pelas cidades gregas ficou

restrito à moedagem de bronze e êste mesmo acabou por desaparecer.

A alteração do dinheiro de prata de cunho romano a partir de Caracala, trouxe um golpe funesto a esta moedagem provincial de bronze, quando sabemos que o dinheiro imperial no século III, não passava de uma cunhagem feita de metal bronzeado. A

CUNHAGEM GREGA

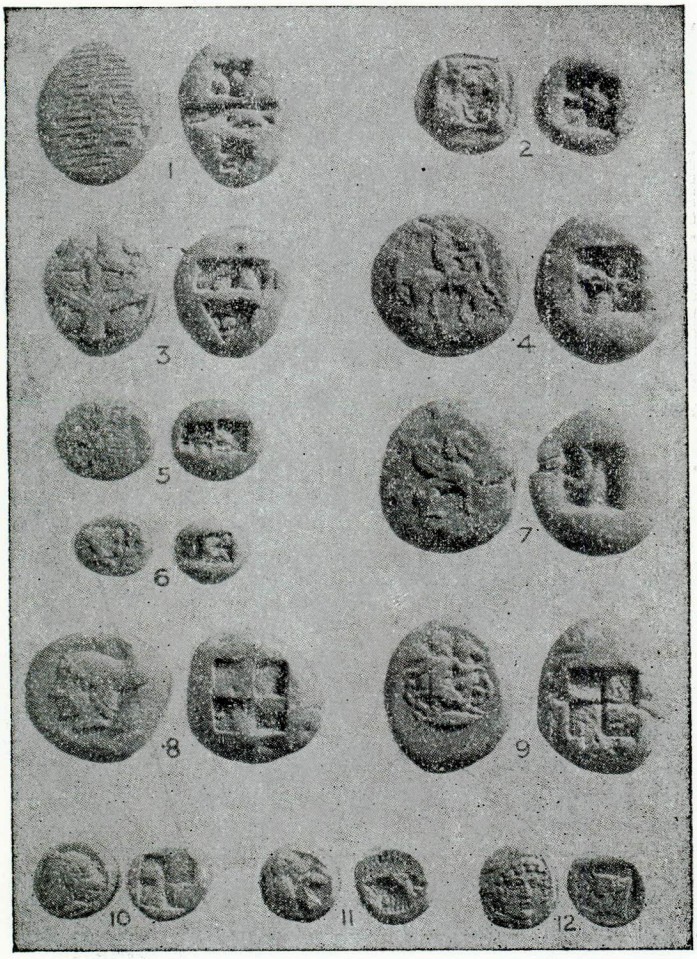


Fig. 39. — *Moedas de electrum da Ásia Menor.*

extrema profusão em todo o Império destas peças depreciadas, obrigou o fechamento das casas monetárias locais, por serem demasiadamente onerosas. A exceção de Cesaréia, de Antioquia e de Alexandria, tôdas as cidades cessaram de cunhar moeda por efeito de um decreto imperial de Galieno (253-268 d. C.).

As invasões dos gôdos, que na metade do século III devastaram por muito tempo as províncias danubianas, a Grécia e tôda a Ásia Menor, acabaram por afugentar e fazer desaparceer irremediàvelmente a moeda grega. Aureliano, eleito imperador em 270,

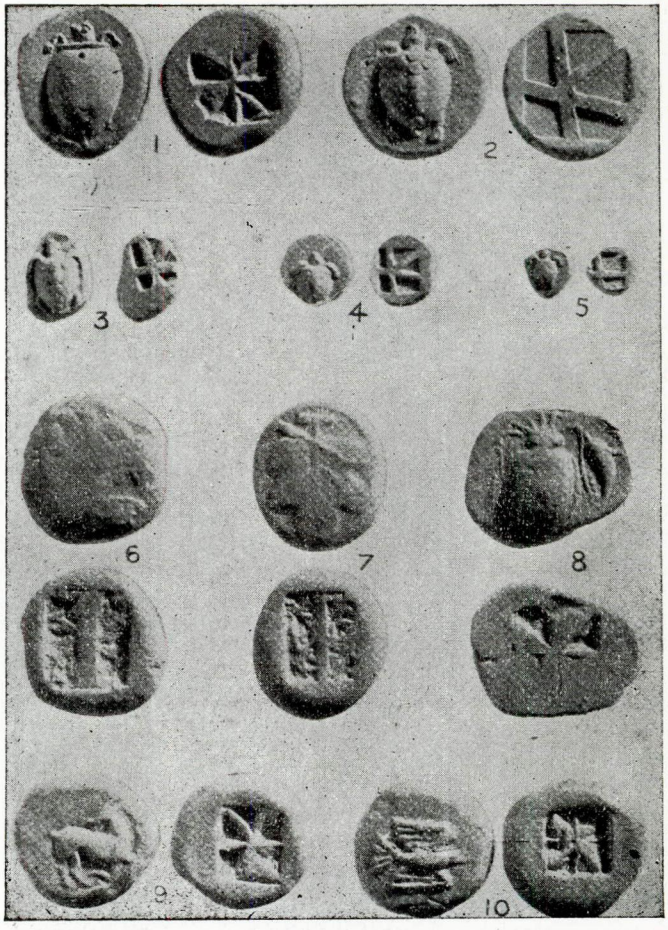


Fig. 40. — *Moedas de Egina e das ilhas adjacentes.*

pela sua bravura apelidado *Aurelianus manus ad ferram* (Aureliano mão-de-ferro), frase que podia também se aplicar ao seu espírito disciplinador, vencedor dos bárbaros e restaurador do dinheiro romano, não cogitou de dar às cidades gregas o direito de moedagem própria, direito êsse que elas mesmo não se interessaram em obter nessa época.

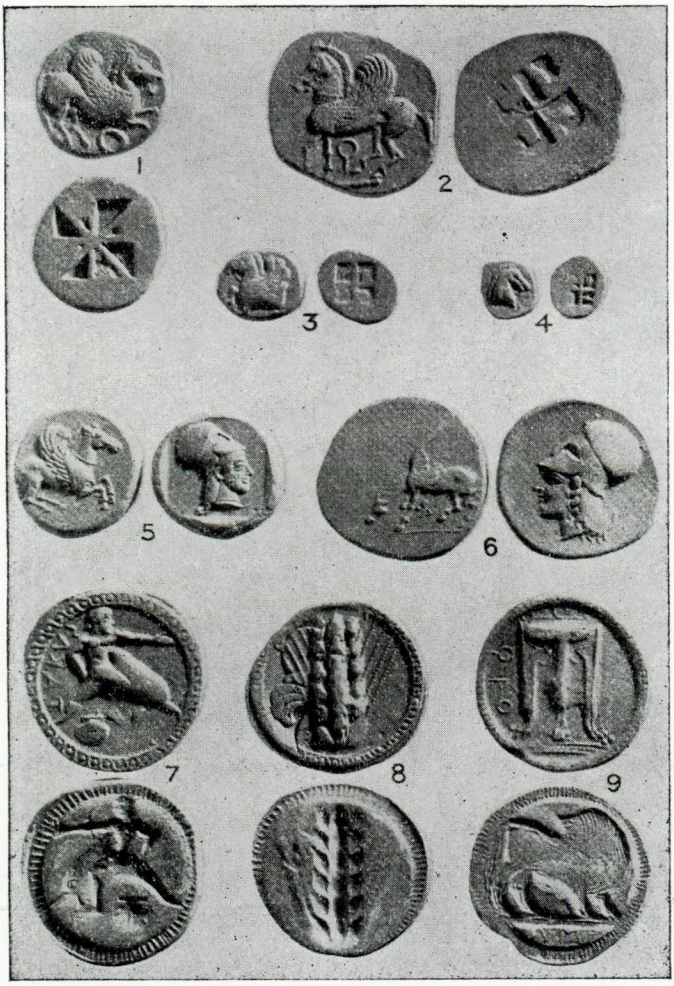


Fig. 41. — *Corinto e emissões primitivas do sul da Itália.*

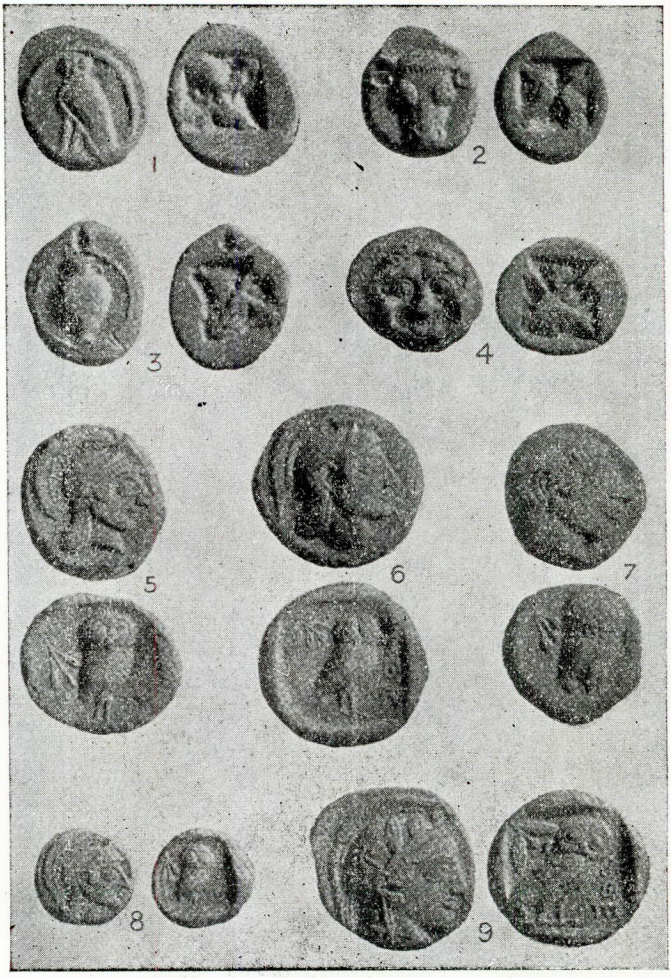


Fig. 42. — *Atenas e Ática, até o século V.*

Fig. 43. — *Grécia européia, antes de* 480.

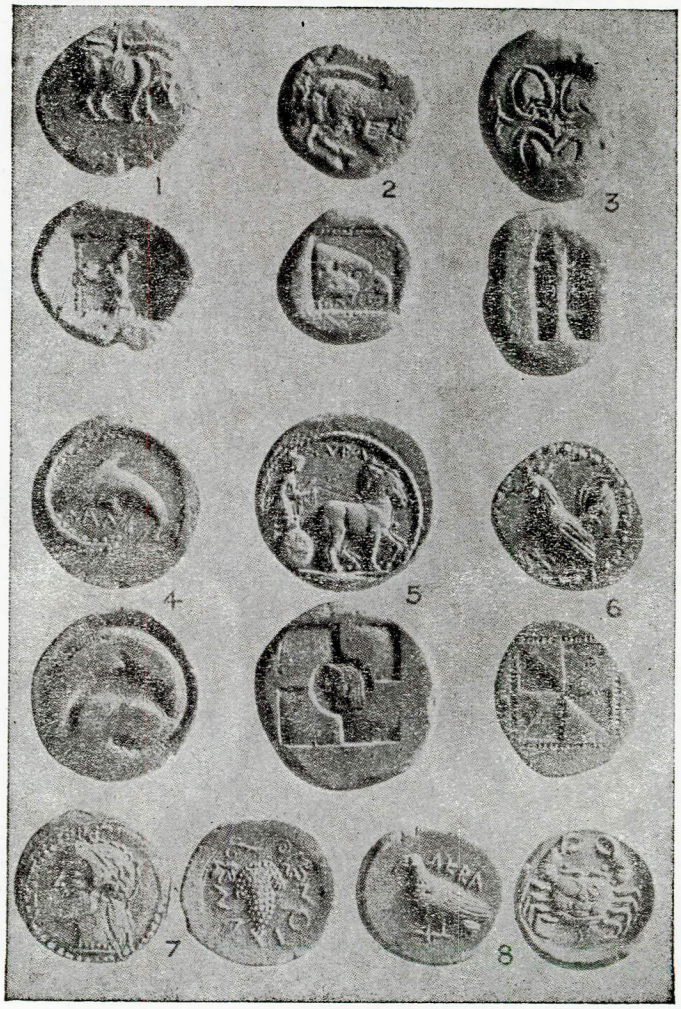


Fig. 44. — *Distritos orientais e Sicília, século VI.*

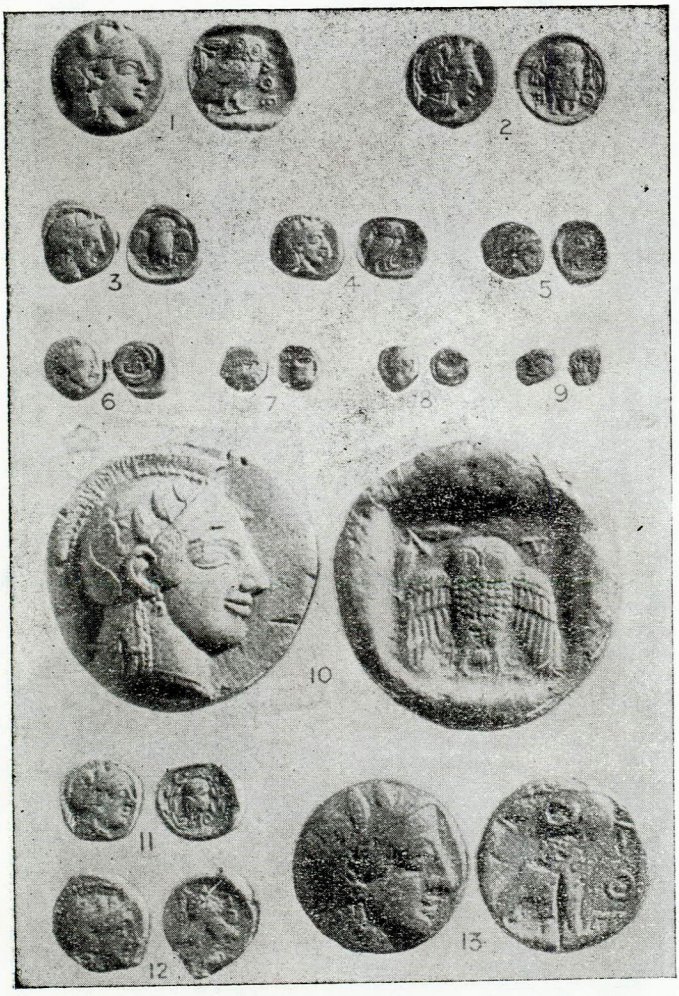


Fig. 45. — *Atenas, século V.*

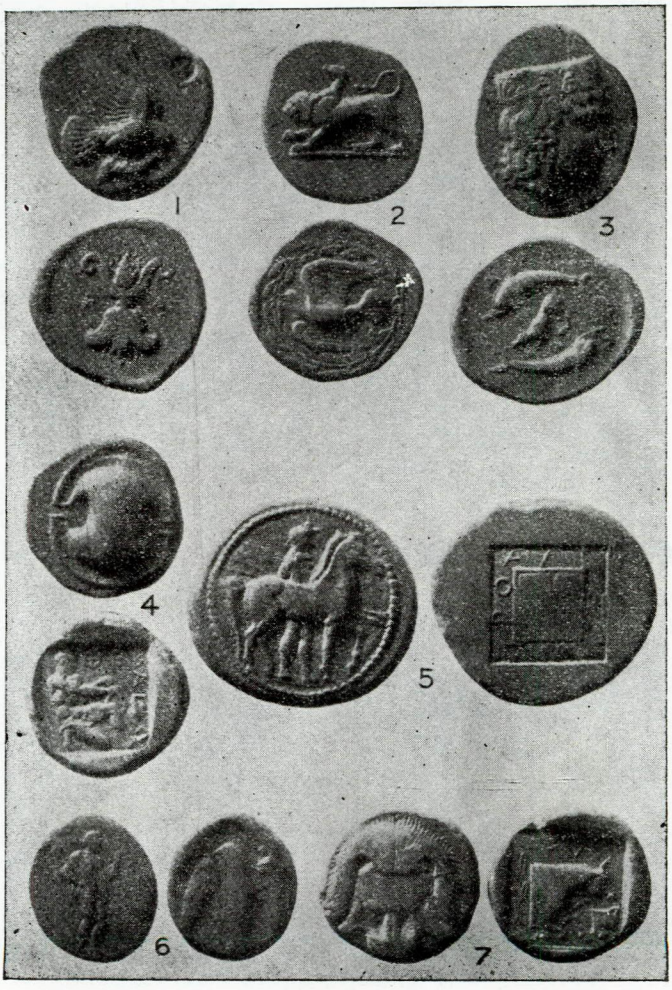


Fig. 46. — *Área da Grécia e Egina, século V.*

Fig. 47. — *Sicília, século V.*

Fig. 48. — *Sicília — depois de* 415.

Fig. 49. — *Desenvolvimento do sistema monetário.*

Fig. 50. — *Moedas reais.*

FIGURA 39.

1. — Estáter de fabricação primitiva.
   a/ superfície rústica, tendo por marcas ao princípio, uns leves sulcos.
   r/ dois quadrados em côncavo e na parte central simples desenhos (30).
2. — Meio estáter.
   a/ mostra o desenvolvimento da cunhagem apresentando o desênho com pequeno relêvo.
   r/ quadrado em côncavo sem desênho.
3. — Estáter.
   a/ cunhagem assinalada por um rude desênho.
   r/ dois quadrados em côncavo, cuja impressão permitiu ficassem em saliência as linhas que compõe o desênho do anverso.
4. — Estáter.
   a/ apresenta um desênho mais trabalhado, onde se nota um centauro carregando uma mulher.
5. — Têrça parte do estáter.
   tipo proveniente das séries atribuídas aos reis da Lídia, com a cabeça do leão.
6. — Sexta parte do estáter.
   tipo pertencente às mesmas séries, trazendo as inscrições em caracteres lídicos.
7. — Estáter da ilha de Quios.
   Esfinge. Peça cunhada durante a revolta contra o domínio jônico.
8. — Estáter de Cízico.
   a/ cabeça de Perseu, vendo-se na parte de trás um atum. Esta cunhagem foi efetuada ao findar o século XI.
9. — Estáter de Cízico.
   a/ Hélios, divindade helênica, personificação do sol e da luz, segurando dois cavalos, tendo na parte inferior um atum. Peça emitida na metade do século V.
10. — Sexta parte do estáter de Focéia.
    a/ cabeça de mulher, tendo na parte anterior marca da cunhagem. Meados do ano 400.
11. — Sexta parte do estáter de Mitilene.
    a/ cabeça de leão.
    r/ cabeça de um galo. Começos do século V.

---

(30). — A expressão *quadrado incuso*, é um têrmo numismático amplo e generalizado e que designa a peça cunhada só de um lado (relêvo). O reverso das mais antigas moedas gregas apresenta quase sempre uma ou mais depressões retangulares, ou quadradas, que muitas vêzes tomam a forma de um quadrado incuso (de onde se originou o têrmo) e que varia segundo os lugares; os *dáricos* têm uma depressão retangular; o quadrado dos estáteres de Egina, é dividido numa diagonal em relêvo que, encontrando-se no centro do quadrado, o subdivide em triângulos incusos; as moedas de Córcira, apresentam dois retângulos encostados; as de Cízico, um quadrado regular dividido em quatro compartimentos, com os lados inclinados como asas de um moinho.

Êste *quadrado incuso*, é o resultado do cunho móvel, isto é, da batida sôbre a face superior da moeda. O tipo em relêvo das moedas arcaicas gregas, reproduz vulgarmente a imagem do cunho inferior fixo, de que redunda a moeda se apresentar visìvelmente convexa. Muitas vêzes o *quadrado incuso* é ocupado por tipos representando uma cabeça pequena, uma figura de animal ou um objeto, até que mais tarde, o tipo em relêvo tornou-se normal.

12. — Sexta parte do estáter de Mitilene.
a/ cabeça de mulher.
r/ cabeça de bezerro.
Cunhagem de fins do século V.

FIGURA 40.

1. — *Egina* (ilha de). Didracma, século VII.
a/ tartaruga de estilo primitivo.
r/ quadrado incuso.
2. — *Egina* (ilha de). Didracma.
a/ tipo idêntico, porém, melhorado.
r/ quadrado incuso dividido em cinco partes.
3. — *Egina* (ilha de). Meia dracma
das mesmas séries anteriores.
4. — *óbolo* das mesmas séries.
5. — *Meio óbolo*, séries idênticas.
6. — *Lindos* (ilha de Rodes). Estáter do século VII.
a/ cabeça de leão à direita.
r/ marcado com sulcos do esitlo asiático.
7. — *Camiros* (ilha de Rodes). Didracma do século VI.
a/ fôlhas de figo.
r/ quadrado incuso, estilo asiático.
8. — *Coressia* (ilha de Ceos). Didracma do século VI.
a/ delfim e um lula.
r/ marca das primitivas moedas de Egina.
9. — *Paros* (ilha de). Didracma do século VI.
a/ cabrito.
r/ quadrado incuso.
10. — *Sifnos* (ilha de). Didracma do século VI.
a/ pássaro voando.
r/ incuso com marcas do tipo das moedas da Jônia.

FIGURA 41.

1. — *Corinto*, estáter, ano 650.
a/ Pégaso, à direita.
r/ marca puncionada dividida seccionalmente.
2. — *Corinto*, estáter, ano 600.
a/ Pégaso, de desênho arcaico à esquerda.
r/ quadrado incuso.
3. — *Corinto*, meia dracma, ano 600.
a/ peito de cavalo alado.
r/ quadrado incuso.
4. — *Corinto*, óbolo, ano 600.
a/ cabeça de cavalo.
r/ incuso.
5. — *Corinto*, estáter, ano 550.
a/ Pégaso, à direita.
r/ cabeça de Minerva com elmo corintio.
6. — *Corinto*, estáter, fins do século V.
anverso e reverso idêntico ao n.° 5.
7. — *Tarento*, estáter, ano 550.
a/ Taras sôbre um delfim.
r/ o mesmo tipo incuso, fabricado no sul da Itália.

8. — *Metaponto,* estáter, ano 550.
   a/ espiga de trigo em relêvo.
   r/ o mesmo tipo incuso.
9. — *Crotona* e *Síbaris,* estáter, ano 525.
   a/ trípode (Crotona).
   r/ touro (Síbaris) incusa.

FIGURA 42.

1. — *Atenas,* didracma, comêço do século VI.
   a/ coruja.
   r/ marca puncionada acantonada.
2. — *Eubéia,* didracma, comêço do século VI.
   a/ cabeça de touro.
   r/ marca puncionada, estilo de Atenas.
3. — *Ática,* didracma, comêço do século VI.
   a/ ânfora.
   r/ marca puncionada, estilo de Atenas.
4. — *Erétria,* didracma, comêço do século VI.
   a/ Medusa.
   r/ marca puncionada com o tipo de Atenas, apresentando num dos sulcos pequena cabeça de leão em relêvo.
5. — *Atenas,* tetradracma, fins do século VI.
   a/ cabeça de Atenas.
   r/ coruja com um ramo de oliveira.
6. — *Atenas,* tetradracma, fins do século VI.
   a/ tipo do n.º 5, com possibilidade de não ter sido cunhada em Atenas.
7. — *Atenas,* ver n.º 6.
8. — *Atenas,* dracma da mesma série e com tipo idêntico ao de nº 5.
9. — *Atenas,* tetradracma, século V.
   tipo idêntico ao de n.º 5.

FIGURA 43.

1. — *Heréia,* na Arcádia, meia dracma, comêço do século VI.
   a/ cabeça de Demeter.
   r/ inicial.
2. — *Psófide* na Arcádia, meia dracma, fins do século VI.
   a/ veado.
   r/ peixe.
3. — *Erétria,* na ilha de Eubéia, tetradracma, princípio do ano 500.
   a/ Medusa.
   r/ cabeça e garras de leão.
4. — *Beócia,* dracma, comêço do século VI.
   a/ escudo.
   r/ marca puncionada.
5. — *Focéia,* meia dracma, comêço do século VI.
   a/ cabeça de touro.
   b/ marca puncionada.
6. — *Tasos,* estáter, metade do século VI.
   a/ Sátiro carregando uma mulher.
   r/ marca puncionada, bastante rústica.

7. — *Dicaéia,* na Macedônia, meia dracma, princípios do ano 500.
   a/ vaca.
   r/ marca puncionada, bastante rústica.
8. — *Potidéia,* na Macedônia, estáter, fins do século VI.
   a/ Poseidon montado num cavalo.
   r/ marca puncionada, bastante grosseira.
9. — *Getas,* rei da Edônida, na Macedônia, estáter, fins do século VI.
   a/ pastor e bois.
   r/ quadrado incuso dividido em quatro partes, com inscrição.

FIGURA 44.

1. — *Licia,* estáter, ano 500.
   a/ porco.
   r/ *triskelis*. O símbolo distintivo da moeda lícia é a *triskele* (emblema solar), às vêzes designada por *diskele* e outras vêzes por *tetraskele*.
2. — *Ialisos* (ilha de Rodes), estáter, ano 500.
   a/ parte dianteira de um porco com asas.
   r/ cabeça de águia.
3. — *Cirene,* tetradracma, ano 500.
   a/ frutos de sílfion.
   r/ dupla marca puncionada.
4. — *Zancle,* didracma, comêço do século VI.
   a/ delfim.
   r/ tipo incuso idêntico aos fabricados no sul da Itália
5. — *Siracusa,* tetradracma, ano 550.
   a/ carro de duas rodas (de guerra) em marcha lenta.
   r/ quadrado incuso dividido em partes; ao centro, cabeça de mulher à esquerda.
6. — *Himera,* didracma, ano 550.
   a/ galo.
   r/ quadrado regular dividido em quatro partes, com os lados inclinados como asas de um moinho.
7. — *Naxos,* didracma, ano 550.
   a/ cabeça de Dionísio, à esquerda.
   r/ uvas.
8. — *Acragas,* didracma, fins do século VI.
   a/ águia.
   r/ caranguejo.

FIGURA 45.

1. — *Atenas,* dracma, século V.
   a/ cabeça de Minerva, sem elmo.
   r/ coruja e um ramo de oliveira.
2. — *Atenas,* meia dracma, século V.
   a/ idem.
   r/ coruja de frente entre ramos de oliveira.
3. — *Atenas,* quarto de dracma, século V.
   a/ idem.
   r/ coruja de frente com asas abertas e um ramo de oliveira.

4. — *Atenas,* óbolo, século V.
com as características do n.º 1.
5. — *Atenas,* meio óbolo, século V.
o mesmo tipo do n.º 1.
6. — *Atenas,* 3/4 do óbolo, fins do século V.
a/ idêntico ao n.º 1.
r/ três crescentes.
7. — *Atenas,* 3/8 do óbolo, fins do século V.
a/ idêntico ao n.º 1.
r/ uma cesta.
8. — *Atenas,* 1/4 do óbolo, fins do século V.
a/ idêntico ao de n.º 1.
r/ crescente.
9. — *Atenas,* 1/8 do óbolo, fins do século V.
a/ o de n.º 1.
r/ coruja de frente entre ramos de oliveira.
10. — *Atenas,* decadracma, ano 490.
a/ o de n.º 1.
r/ coruja de frente com asas abertas.
11. — *Atenas,* cunhagem de ouro de guerra, ano 407.
a/ do n.º 1.
r/ coruja de frente entre ramos de oliveira.
12. — *Atenas,* bronze, cunhagem de guerra, ano 406.
a/ do n.º 1.
r/ duas corujas.
13. — *Atenas,* tetradracma, meados do ano 405.
tipo apresentado na estampa 49, n.º 9. Moeda usada em tempos remotos, apresentando uma lâmina como se fôsse niquelada, com uma profunda incisão como a testar a qualidade do metal.

FIGURA 46.

1. — *Elis,* estáter, ano 425.
a/ águia e uma lebre.
r/ raio. Nas duas faces existem marcas em sentido oposto.
2. — *Siciônia* (Argólida), didracma, ano 450.
a/ quimera.
r/ um pombo circundado por fôlhas de louro.
3. — *Argos,* didracma, ano 420.
a/ cabeça de Hera.
r/ lobo entre delfins.
4. — *Tebas,* didracma, ano 440.
a/ escudo beótico.
r/ Hércules criança, esticando um arco.
5. — *Alexandre I* da Macedônia, estáter, ano 470.
a/ caçador acompanhado de cavalos.
r/ quadrado regular e inscrição.
6. — *Temístocles* em Magnésia, estáter, ano 460.
a/ Apolo.
r/ pássaro voando.
7. — *Samos,* tetradracma, ano 430.
a/ pele de uma cabeça de leão.
r/ parte dianteira de um touro, cabeça de leão e ramos de oliveira.

FIGURA 47.

1. — *Messena* (Messina), didracma, meados do ano 480.
   a/ cavalo atrelado a um carro, à direita.
   r/ lebre correndo. Tipo imitado da cunhagem de Anaxilau de Regghio.
2. — *Himera,* didracma, ano 480.
   a/ galo.
   r/ imitação dos tipos da moedagem de Acragas.
3. — *Aetna* (Catânia), tetradracma, ano 470.
   a/ cabeça de Sileno e por baixo um escaravelho.
   r/ Zeus sentado; em cima de um galho uma águia.
4. — *Lentini* (Leontium), tetradracma, meados do ano 470.
   a/ quadriga vitoriosa com um leão no exergo.
   r/ cabeça de Apolo circundada por grãos de cevada
5. — *Zancle* (Messena, hoje Messina), tetradracma, comêço do ano 460.
   a/ Poseidon e um altar.
   r/ delfim e um peixe.
6. — *Himera,* tetradracma, meados do ano 450.
   a/ quadriga vitoriosa.
   r/ uma ninfa num ato de sacrifício e junto a um repuxo, a figura de Sileno.
7. — *Segesta,* didracma, meados do século V.
   a/ cachorro e uma concha de *murex.*
   r/ cabeça de ninfa com uma inscrição em linguagem *Elymiana.*
8. — *Solus* (Soluntum), didracma, meados do século V.
   a/ Heracles e um touro.
   r/ rio sagrado onde se faziam os sacrifícios, uma garça e fôlhas de salsa.

FIGURA 48.

1. — *Siracusa,* cunhagem de ouro, ano 413.
   a/ cabeça de Hércules.
   r/ cabeça de mulher.
2. — *Camarina,* cunhagem de ouro, ano 405.
   a/ cabeça de Minerva.
   r/ ramo de oliveira.
3. — *Acragas,* cunhagem de ouro, ano 406.
   a/ águia e serpente.
   r/ caranguejo.
4. — *Siracusa,* decadracma, ano 400.
   a/ cabeça de Proserpina, à esquerda.
   r/ quadriga veloz, tendo por cima a Vitória e no exergo, elmo, couraça, cimeira e escudo.
5. — *Siracusa,* estáter, ano 345.
   a/ cabeça de Minerva, à direita.
   r/ Pégaso. Tipo copiado da cunhagem de Corinto.
6. — *Agátocles* de *Siracusa,* estáter de ouro, ano 310.
   a/ cabeça de África.
   r/ Atenas e a coruja.

7. — *Siculo-Púnico*, estáter, fins do século IV.
   a/ cabeça de Hércules.
   r/ cabeça de cavalo à esquerda e uma palmeira.
8. — *Siculo-Púnico*, estáter, ano 400.
   a/ cabeça de mulher circundada por delfins.
   r/ quadriga e a Vitória.
9. — *Siculo-Púnico*, estáter, metade do século IV.
   a/ cabeça de rainha.
   r/ leão e uma palmeira.

FIGURA 49.

1. — *Atenas*, estáter de ouro, ano 390.
   a/ cabeça de Atenas à direita.
   r/ coruja e um ramo de oliveira.
2. — *Clazomena*, estáter de ouro, ano 380.
   a/ cabeça de Apolo.
   r/ cisne.
3. — *Lampsaco*, estáter de ouro, ano 380.
   a/ cabeça de homem barbado.
   r/ Pégaso.
4. — *Filipe da Macedônia*, estáter de ouro, ano 350.
   a/ cabeça de Apolo.
   r/ biga.
5. — *Teos*, estáter, ano 500.
   a/ grifo, animal fabuloso.
   r/ campo dividido em quatro quadrados granulados.
6. — *Corinto*, didracma, ano 400.
   a/ Pégaso.
   r/ cabeça de Atenas com um delfim e uma cabeça de águia.
7. — *Corinto*, didracma, meados do século IV.
   a/ Pégaso.
   r/ cabeça de Atenas com Artemis e inicial.
8. — *Atenas*, tetradracma, meados do ano 180.
   a/ cabeça de Minerva.
   r/ coruja sôbre uma anfora, uma âncora e estrêla, nome dos magistrados e inicial do mês; como cercadura um ramo de oliveira.

FIGURA 50.

1. — *Alexandre III* (*Magno*) da Macedônia, tetradracma, ano 325 a. C.
   a/ cabeça de Hércules à direita.
   r/ Zeus sentado, segurando uma águia.
2. — *Lisímaco*, rei da Trácia. Tetradracma, ano 300 a. C.
   a/ cabeça deificada de Alexandre, à direita.
   r/ Atenas.
3. — *Antíoco I*, rei da Síria. Estáter de ouro, ano 270 a. C.
   a/ efígie à direita.
4. — *Alexandre I*, rei da Síria. Dracma, ano 150 a. C.
   a/ efígie à direita.
5. — *Sofites* (N. W. da Índia). Dracma, ano 300 a. C.
   a/ efígie à direita.
   r/ galo.

6. — *Diodoto* ou *Teodoto,* rei da Bactriana. Estáter de ouro, ano 250 a. C.
   a/ efígie à direita.
   r/ Zeus.
7. — *Demétrio* I, rei da Macedônia. Tetradracma, ano 290 a. C.
   a/ efígie à direita.
8. — *Eumenes II,* rei de Pérgamo. Tetradracma, ano 180 a. C.
   a/ efígie de Filetaerus à direita.
9. — *Perseu,* último rei da Macedônia. Tetradracma, ano 170 a. C.
   a/ efígie à direita.

XIII

PRIMITIVAS MOEDAS ROMANAS. MOEDAS DE BRONZE — O "AES" E SUAS REDUÇÕES — REALEZA — MOEDAS CAMPÂNICAS.

O TERRITÓIO DA ANTIGA ITÁLIA.

A Itália, comprida e estreita península limitada ao norte e noroeste pelos Alpes, a nordeste pelo mar Superior ou Adriático e pelo mar Jônio, a oeste pelo mar Inferior ou Tirreno e atravessada em tôda a sua extensão pela cordilheira dos Apeninos, dividia-se em três partes: *Alta-Itália, Itália-Central* e *Baixa-Itália*.

A *Alta-Itália* compreendia as planícies das margens do rio Padus (Pó), tendo por limite meridional a este o Rubião e a oeste o pequeno rio Macra. Devido aos seus habitantes, que eram gauleses (célticos), tomou o nome de *Gália Citerior* (Cisalpina), em oposição à *Gália Ulterior* (Transalpina), que é a que fica para além dos Alpes.

A *Itália Central* estendia-se desde o Rubicão e do Macra, até ao Frento e ao Solaro (Sela). Continha o Monte Sagrado de Soracte, ao norte de Roma, o Arnus (Arno) e o Tibre; na margem direita do Ânio eleva-se pequena eminência denominada *Monte Sagrado,* para onde se retiraram os plebeus em 495 a. C.

A *Baixa-Itália,* foi chamada também *Magna Grécia,* devido às colônias gregas do litoral; era habitada no interior por povos agrícolas de origem *osca* ou *sabélica*.

Todo o território da península se achava dividido em várias nacionalidades que assim se conservaram durante muito tempo, a despeito da influência que o Lácio — que era a antiga região da Itália Central situada ao longo do mar Tirreno, entre a Etrúria ao norte e a Campânia ao sueste — logo adquiriu sôbre tôdas elas.

POVOS PRIMITIVOS DA ITÁLIA.

Os primeiros povos da Itália, foram os *iberos* ou *euskaros, celtas* ou *galos* e *pelasgos,* com o nome de *tirrenos, sículos* e *enótrios.*

Aos *pelasgos* sucederam os *sicanos,* povos de origem ibérica ou *euskara* que, impelidos pelos *celtas,* se retiraram para a *Trinácria,*

já então chamada *Sicília* dos *sículos*, que eram tribos pelásgicas que primeiramente aí haviam habitado, depois chamada *Sicânia*, em razão dos sicanos a terem invadido.

Os *oscos*, sub-raça ainda dos *euskaros*, que se espalharam pelo Sânio, Campânia, Apúlia, Lucânia e Brúcio.

Os *lígures* que ocuparam a costa ocidental da Itália, depois chamada Ligúria.

Os *ombrios*, de origem ibero-gaulesa, que deram o nome à província da Itália Central, denominada Ômbria ou Úmbria.

Os *etruscos*, *tuscos* ou *toscanos*, saídos da Anatólia, atacando os *ômbrios* e os *lígures*, estabeleceram-se na Etrúria — província que dêles tirou o nome — e mais tarde na Campânia, Córsega e Sardenha.

No centro da Itália, aos pés das montanhas da Sabínia, estendiam-se as férteis planícies do Lácio, habitadas pelos *sabinos*.

Os gregos fundaram mais tarde grande número de colônias na Itália meridional, de onde provém o nome de *Magna Grécia* que se deu a esta parte da península itálica.

Os *gauleses* ou novos *galos*, vieram mais tarde e fundaram uma nova Gália, chamada *Gália Cisalpina*, aquém dos Alpes, entre a Ligúria e Veneza.

Foi da fusão de todos êstes povos que se formou o *povo romano*.

Roma foi fundada — segundo a tradição — no ano 743 a. C. a alguma distância da confluência do rio Tietê com o Arno, entre sete colinas, por entre as quais êste rio passa; duas dessas colinas, o Janículo e o Vaticano, dominam a sua margem direita e as outras a margem esquerda.

Esta cidade deve a sua origem, por certo, a uma colônia de Alba-Longa, cidade que pertencia à confederação do Lácio. Ignora-se, porém, ao certo, como se fundou, quais os elementos a que deveu a sua origem e as circunstâncias que se deram nos seus primeiros tempos.

Segundo certos autores, supõe-se que tendo uma revolução abolido a realeza em Alba, a dinastia ali reinante e os seus partidários, se teriam retirado para as margens do Tibre e se fixando no Monte Palatino, fundaram uma nova cidade que recebeu o nome de *Roma* (fôrça) ou segundo outros, o de *Ruma* (colina).

Refere uma antiga lenda a que os historiadores romanos deram vulto, que Numitor, rei de Alba-Longa, descendente do troiano Enéias, fôra destronado por seu irmão Amúlio e que sua filha Réia Sílvia havia sido consagrada a Vesta, a fim de que se não casasse e não tivesse filhos. Mas tendo do deus Marte dois gêmeos, Rômulo e Remo, o cruel Amúlio mandou que as crianças fôssem ati-

radas ao rio Tibre; mas o berço em que iam flutuando parou no sopé do monte Palatino, debaixo de uma figueira, onde uma loba os amamentou. Recolhidos por Fáustulo, chefe dos pastores, foram criados por Aca Laurência, sua mulher.

Sabendo casualmente a sua origem e qual fôra a sorte de seu avô, restituiram a Numitor o trono de Alba-Longa e edificaram a cidade de Roma, no ano 753 antes de Cristo, no terreno que o rei albano, seu avô, lhes concedera, na margem esquerda do rio Tibre, onde tinham sido criados e exercido também o mister de pastores.

Mas morto Remo em uma pendência com seu irmão, foi Rômulo só que a fundou, chamando-lhe *Roma*, derivado de seu nome.

INSTITUIÇÕES POLÍTICAS DE ROMA.

A História Romana, divide-se — para efeitos da Numismática — em quatro grandes épocas:

Realeza — 753 à 509 a. C.
República — 509 à 43 a. C.
Império Romano — 43 a. C. à 476 d. C.
Império Bizantino — 395 à 1453 d. C.

A *Realeza* durou 244 anos, durante os quais foram os romanos governados por sete reis: Rômulo, Numa Pompílio, Tulo Hostílio, Anco Márcio, Tarquínio Prisco, cognominado "o Antigo", Sérvio Túlio e Lúcio Tarquínio, "o Soberbo".

Com a expulsão dêste último, foi abolida a *Realeza* entre os romanos no ano de 509 a. C.

República. O poder supremo passou para as famílias aristocráticas que mais contribuiram para a abolição da realeza, tornando-se acessível a muitas pessoas pela divisão das funções e pela limitação destas. O guarda da comunidade e da lei era o *Senado*, que superintendia na economia pública, na administração, na religião, decidindo da paz ou da guerra. Sob sua inspeção, dois magistrados chamados *cônsules*, anualmente eleitos pelos comícios, geriam os negócios da administração exercendo o poder executivo. Lúcio Júnio Bruto e Colatino foram os dois primeiros *cônsules;* todavia, em casos urgentes, nomeava-se um *ditador* investido de poder ilimitado pelo espaço de seis meses, que se prorrogava quando era necessário. Era investido de poder real e nessa qualidade precediam-no 24 lictores armados de varas e machados, enquanto os *cônsules* eram sòmente precedidos de 12 lictores.

Concedeu-se à plebe o direito de eleger *tribunos* para contrabalançar o poder do *ditador* e do *Senado*. A lei que estabeleceu os *tribunos*, foi chamada *Lei Sagrada*.

Os romanos, trezentos anos depois da fundação da Roma, tinham apenas uma legislação incompleta e para remediar êste in-

conveniente mandaram — segundo ainda a tradição — três deputados a Atenas pedir as leis de Solon. Dez magistrados chamados *decênviros* formaram dessas leis um código a que se deu o nome de "Lei das Doze Táboas", base do Direito Romano.

O *Império* sucedeu à *República* e durou perto de cinco séculos. Otávio, que depois recebeu o nome de *Augusto*, foi o primeiro *imperador* romano e desde então o govêrno passou a ser monarquia absoluta.

Devemos aqui uma explicação. Júlio César, tendo vencido a batalha de Actium no ano 31 a. C., viu ceder tudo à sua fortuna e foi reconhecido como senhor de Roma, com o título de *ditador perpétuo;* essa a razão porque geralmente é contado entre os imperadores, embora *Augusto* fôsse efetivamente o primeiro.

Os romanos davam o nome de *imperator,* ao general que se assinalava com alguma grande vitória, como aconteceu com Júlio César e foi sòmente depois de sua morte, que a *República* tomou o nome de *Império Romano.*

Quase no fim do quarto século, os romanos estavam senhores do mundo conhecido; as guerras civis, os vícios e a fraqueza da maior parte dos sucessores de *Augusto,* foram contribuindo para a decadência do Império.

Os doze primeiros imperadores conhecidos pelo nome dos *doze Césares,* são segundo Seutônio que lhes descreveu a vida: Júlio César e os onze imperadores que se lhe seguiram: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano.

Constantino Magno, transportou a sede imperial, de Roma para Bizâncio, depois chamada Constantinopla, do nome daquele imperador. Com a morte de Teodósio I o Império Romano foi dividido em *Império do Ocidente* e *Império do Oriente.*

O *Império Bizantino,* Império do Oriente ou Baixo-Império, que constava da Grécia, Ásia Menor, Síria e Egito, tendo por capital a cidade de Constantinopla, teve como primeiro imperador Arcádio, filho de Teodósio.

O *Império do Ocidente* que compreendia a Itália, a Gália, Espanha, Bretanha e parte da África, tocou a Honório, o filho mais moço de Teodósio.

Feita esta separação, decaiu ràpidamente o Império. Povos bárbaros procedentes da Germânia e do norte da Europa, atacaram o Império por diversos pontos. Os *francos* apoderaram-se da Gália; os *vândalos* passaram à Espanha e dali para África; os *hunos,* comandados por Atila, chamado "o Flagelo de Deus" vindos da fronteira da China, destruiram uma grande parte do Império do Ocidente; os *gôdos,* oriundos das margens do Báltico e divididos em

dois grupos — os *visigodos* ou *gôdos ocidentais* e os *ostrogodos* ou *gôdos orientais* — invadiram os primeiros a Gália e a Espanha e os segundos a Itália onde se estabeleceram, tendo como rei Teodorico.

O Império do Ocidente acabou na pessoa de Augústulo, no ano 476 depois de Cristo.

O Império do Oriente subsistiu, ainda que debil, até ao ano de 1453, quando Constantinopla foi tomada pelos turcos, morrendo nessa ocasião Constantino Paleólogo, seu último imperador.

O latim era a língua do Ocidente o o grego, a do Oriente; daí vem o nome de *Império Latino* dado ao Ocidente e de *Império Grego* ao do Oriente.

PRIMITIVAS MOEDAS ROMANAS: REALEZA — CAMPÂNICAS.

Moedas de bronze — O "aes" e suas reduções.

A ossatura orgânica, se assim se pode exprimir, da coleção romana, é completamente diferente da grega. Enquanto esta se constitui de um aglomerado de muitas séries independentes uma da outra, a série romana, ao contrário, é única. Ela nasce com a expansão de Roma e, da mesma forma, transforma-se à medida que se modifica a vida e a grandeza da hoje capital do mundo cristão; acompanha-a em todo o seu desenvolvimento e em seguida, em tôda a sua decadência.

Se a série grega pode ser comparada a uma bela moita composta de muitas e diversas plantas reunidas, a série romana é, ao contrário, representada por uma árvore vigorosa e gigantesca, mas única.

Devido à sua simplicidade e unidade, a coleção romana pode ser aconselhada e recomendada ao jovem candidato a numismata, o qual poderá fazer sua primeira experiência sem temor de se perder no labirinto grego.

O material é sempre abundante e simples a classificação; as dificuldades de língua são eliminadas, porque a mesma é sempre a latina, a não ser o pouco grego que nela se infiltra nos últimos tempos bizantinos.

A longa série da moedagem romana, dividimô-la em quatro períodos como já vimos ao estudar "As instituições políticas de Roma", para melhor classificação científica.

Feita esta apreciação, passemos ao conhecimento das moedas romanas, dividindo-as em grupos, de acôrdo com a divisão da História Romana.

1.º Período — *Realeza*. Temos a moeda primitiva dos romanos ou seja: *aes rude, aes signatum* e *aes grave*.

2.º Período — *República Romana*. Esta cunhagem abraça o espaço de dois séculos e meio, quando se introduziu em Roma a moeda de prata. Esta emissão é também conhecida por *moedas consulares* ou das *famílias*, finalizando com os *triunviratos*.

Sua classificação, obedecendo a ordem cronológica e geográfica, requer muita atenção, isto porque a cunhagem dêste período não foi tôda feita em Roma, mas também na Gália, Espanha e até no Oriente.

3.º Período — *Império Romano*. Que vai de *Augusto* e de Júlio César, a Rômulo Augustulo (43 a. C. à 476 d. C.). Esta série que compreende cinco séculos, é a mais interessante pela longa e ininterrupta iconografia imperial, que nos oferece cêrca de 150 retratos.

4.º Período — *Império Bizantino*. De Arcádio até a queda de Constantinopla (395 à 1453 d. C.), ou seja todo o período medieval no Oriente europeu.

Esta série, no campo da arte, se apresenta menos atraente do que a procedente; seu principal valor científico está no estudo das datas e legendas, embora ainda haja muito a investigar.

Êste período marca a transição da cunhagem dos tipos monumentais da Grécia e do Alto Império, para a Idade Média.

*

1.º Período — *Realeza*. Neste período encontramos como em tôdas as sociedades incipientes, a simples troca de mercadoria. O estalão monetário é então entre os romanos — o gado. Nesse tempo, como o homem tinha uma vida essencialmente pastoril, os objetos de maior apreço de que então dispunha, eram os animais — bois, carneiros e ovelhas — que lhes forneciam alimento e vestuário; por isso, essa mercadoria começou a ser preferida para as permutas, por ser aquela que a todos convinha. Dada, porém, a diferença de rendimento que existia entre um boi e uma ovelha, foi necessário estabelecer uma relação "valor" entre êles e assim se estipulou que a 1 boi eqüivaliam 10 ovelhas, o que representou mais um passo, nessa longa cadeia dos meios de troca entre os homens, acentuando a noção de "valor", posto que já se exigiam vários objetos por um. Depois, em alguns povos, já o animal não era necessário: bastava a sua pele e então ela passou a desempenhar êsse papel.

Recordam-nos essa fase, os Poemas Homéricos, em que o valor das coisas é estabelecido em cabeças de gado, e de igual modo as leis de Dracon, do final do VII século a. C., que tão célebres haviam de ficar pela sua rigidez e onde figuram também multas pagas em cabeças de gado.

Daí o verificar-se a representação do boi nas mais antigas moedas de Eubéia e de Roma e mais tarde, quando se escolheu o metal para intermediário, fundiram-se pequenos blocos; por uma recordação talvez dos tempos idos, êsses blocos tinham a forma de cabeças de boi e quando enfim se chegou à moeda — a um pequeno disco chato, com uma gravura em alto ou baixo relêvo, uma das primeiras gravuras foi precisamente a cabeça do boi.

Dirão alguns que felizmente a humanidade deixou aquela obsessão bovina. Mas a verdade é que não deixou. Tão fundas no povo ficaram as raízes do que então se usou como moeda, que ainda hoje essa fase monetária da "pecúnia viva" nos é recordada em múltiplos vocábulos e das mais diversas línguas. Todos sabem que a palavra latina *pecus,* designa gado, donde se formou *pecúnia, dinheiro;* de *peculium* (pequeno rebanho), se deriva o nosso *pecúlio* e de *capita,* cabeça de gado, nasceu igualmente *capital* e os seus derivados; o crime de *peculato* de que fala o nosso Código Penal, é hoje o furto dos dinheiros públicos, mas já foi o furto do *rebanho,* o roubo do gado.

O fato lingüístico que se observa no nosso idioma, se nota também em outros muito afastados entre si pela sua origem: a unidade monetária da Índia, é a *rúpia* — e rúpia quer dizer rebanho; a palavra inglêsa que significa hoje *salário,* vem de uma que significou outrora gado. Não faltam portanto, provas de qual a natureza da riqueza primitiva mais prezada.

Devemos acrescentar que as leis *Aternia-Tarpéia* e *Menênia-Séstia,* que datam do V século a. C., estipulavam ainda as multas em bois e carneiros, muito embora já então existisse a moeda metálica.

O PÊSO-MOEDA: AES RUDE.

Os metais no entanto, pelas suas excepcionais qualidades para a função de trocas a que a moeda está sujeita, sobrepuzeram-se à *pecúnia* ou à permuta que se fazia com animais, como vimos no capítulo precedente. Seu uso se generalizou tão ràpidamente que em pouco tempo se apresentavam em formas diversas: em lingotes, anéis [(como se vê num desênho egípcio dos mais interessantes) (figs. 4 e 5)], pequenos blocos, palhetas e até em pó, o que deu em resultado o uso da balança para se conseguir uma divisão mais exata.

Vamos recordar aqui os vocábulos usados em várias línguas, todos referentes ao emprêgo da balança para pesar metais na função de escambo, tão em moda naqueles recuados tempos.

Assim por exemplo: do latim *pendere* (pesar), deriva *stipendium* (soldo), *dispendium* (despesa), *dispensator* (pagador) e outros mais.

Procurando um testemunho de nossos dias, temos o padrão monetário inglês, a libra, *pound,* que significa — pêso e moeda — exatamente como o havia sido na Antigüidade.

Com efeito, assim como na velha Grécia o *talento* fôra simultâneamente um pêso e uma moeda, assim também nos primeiros tempos de Roma, o "*aes*" ou "*asse*" em português, fôra de igual modo um pêso e uma moeda, a que depois se ligou o conceito duma "moeda" com determinado pêso.

E' o tempo da "moeda" que os romanos denominavam *aes rude, aes infectum, rudus* e *rudusculum*. Consistia essa "moeda", em pedaços de metal informes, cuja característica monetária se resumia em seu pêso corresponder a um determinado valor. Não tendo por isso indicação alguma ou garantia do pêso que representava, o *aes rude* estava constantemente sujeito e dependente da balança, para que pudesse desempenhar a função que lhe cabia de padrão de valor.

O *aes rude,* era uma liga de 93,7 de cobre e 6,3 de estanho, ou seja de bronze; o seu pêso oscilava também, segundo os exemplares conhecidos, em cêrca de um quilo.

As designações porque ficaram conhecidos êsses pesos-moedas *raudus* ou *rudus, rudusculum,* etc. indicavam as próprias características delas, significando "cobre em bruto" ou "moeda grosseira" como realmente o eram.

Muito embora a balança representasse um grande aperfeiçoamento para igualar o pêso dos pedaços de metal e até para sua divisibilidade, não deixava contudo de representar um processo bastante incômodo para ser transportada a todo momento. Sem dúvida, devemos recordar que essa fase, foi a mais brilhante que as grandes civilizações egípcia e babilônica conheceram.

Importa igualmente não esquecer, ao relatar esta fase monetária da "moeda metálica" que, muito embora os metais — e no caso de Roma se resumia ao cobre, pois que o ouro e a prata escasseavam como mercadoria de importação vinda das cidades gregas da Ásia Menor — se impusessem cada vez mais como o melhor padrão de valor, a verdade é que os animais continuaram ainda por longo tempo a desempenhar a sua função de moeda em concorrência com o *aes rude,* não obstante o seu uso ir decaindo pouco, suplantado pela "moeda metálica".

AES SIGNATUM — MOEDA EM METAL PUNCIONADO.

Com o correr dos anos, um novo aperfeiçoamento apareceu nesse sistema de padrão de valores, o que constituiria mais um passo notável a caminho da moeda, tal como hoje a conhecemos: puncionada ou marca que êsses pedaços de metal passaram a ter como garantia dum pêso certo.

O bronze é então fundido em barras quadrangulares, retangulares, com sinais indicativos do pêso ou do valor, primeiramente de um lado, depois de ambos, sinais que consistiam em uma espécie de espinha de peixe, ou segundo outros, uma espécie de ramo longitudinal munido de apêndices laterais. Mais tarde surgem os glóbulos indicando o pêso e portanto o valor, vindo em seguida outros tipos monetários com representações de — clava, tripeça, âncora, caduceu, espada, tridente, javali, Pegaso, elefante, delfins, grão de cevada, etc.

A êstes exemplares com a forma quadriláter a davam o nome de "lateres". Importa salientar que os autores modernos, consideram êstes pesos-moedas quadriláteros, como sendo de uma épo-

Fig. 51. — *"Quadrussis"* com a representação do boi. *Aes signatum*. — Peça romana quadrangular, também conhecida como *lateres, quincussis* e *quadrussis*. Pesando de 4 a 5 libras, eram essas peças muito regulares e já dispensavam a utilização da balança para a verificação do trôco. Tais peças apresentavam figuras de animais, figuras mitológicas, etc.

ca posterior à do aparecimento do *aes librali,* na qualidade de múltiplos dêle e portanto de data posterior ao ano de 335 a. C.

O original do *quadrussis* reproduzido no texto, tem o tamanho de 9 x 15 cms., apresentando no reverso o mesmo motivo do anverso.

Fig. 52. — *Aes signatum*. Vide legenda da peça retro, com a figura de um boi.

AES GRAVE OU AES LIBRAL. 335 a. C.

Em geral, em todos os povos, as primeiras moedas metálicas foram de fabricação particular, como podemos ainda hoje verificar com as barras de ouro e prata da China. Talvez a mesma coisa se tivesse passado em Roma.

Já vimos que depois da troca dos gêneros, começaram os romanos a usar peças informes de metal sem marca, para as suas transações e trocas; a esta moeda primitiva e grosseira, chamada *as rude,* fixaram depois o pêso de uma libra, quando passou a se denominar *aes libral*.

Querem alguns historiadores atribuir a Sérvio Túlio, sexto rei de Roma, a criação desta moeda, ponto de partida de uma verdadeira monetação com uma unidade estabelecida, ou seja o *as,* com o pêso da antiga libra romana de 272,88 gramas, além de um sistema de pesos e medidas e que teria perdurado até a primeira guerra púnica.

Entretanto, estudos modernos, não lhe conferem tanta antigüidade, pois a análise dos símbolos que aparecem em alguns quadriláteros, colocam esta fase monetária no século V a. C.

Não tardou, contudo, que uma nova modificação se desse, ao ser adotado o formato de *disco* com pêso certo, o que constituiu o *aes grave* e como o seu pêso era de uma libra, passou a ser designado por *aes libral*. Como já vimos, *aes* significa "cobre" e *libral* com o pêso de uma libra, que então correspondia a 273 gramas aproximadamente.

Esta é a primeira fase na história de Roma, em que a moeda adquire o formato clássico e as características fundamentais da moeda metálica, que deveriam torná-la de uso universal.

Essa moeda era de bronze fundido e a sua configuração representava de um lado a cabeça de Jano bifronte e do outro a proa de um navio, que eram as armas municipais de Roma.

A liga do *aes libral*, era de 5 a 18% de estanho e de 9 a 16% de chumbo.

O *aes libral* ou *asse* em português, era o padrão monetário dos romanos e compreendia os seguintes valores, antes de tôda a redução:

Divisões	Libras	Onças	Pêso
Aes	1	12	273.00 grs.
Semis .... (1/2 aes)	1/2	6	136.50 "
Trien .... (1/3 ")	1/3	4	91.00 "
Quadrans . (1/4 ")	1/4	3	60.25 "
Sextans .. (1/6 ")	1/6	2	45.50 "
Uncia .... (1/12 ")	1/12.....	1	22.70 "

Convém esclarecer que ainda hoje discutem alguns historiadores a questão do pêso adotado no sistema do *aes*. Seria a que teve por base a antiga libra latina de 273 gramas ou a da libra romana de 327 gramas? O barão d'Ailly, nas suas investigações, encontrou num conjunto de 675 *aes* bem conservados, um máximo de 312 gramas e 30 e um mínimo de 207 gramas e 10. Nenhum dos exemplares atingiu as 327 gramas, pêso da libra romana. Essa a razão porque parece mais sensato atribuir-se à base do *aes* a libra latina de 273 gramas, mais próxima da realidade da média real do *aes libral*, de 259,7 gramas. Outro argumento apresentado é de ser a libra romana mais moderna do que as antigas peças do *aes libral*, de importação grega.

As peças dêste sistema — *aes libral* — têm a forma lenticular, aparentemente grosseiras e procedem da arte grega dessiminada pela Itália.

Foram estas as primeiras moedas dos Reis e dos primeiros tempos da República; no entanto, para fazer face às grandes des-

Fig. 53. — *As libral* (bronze). Anverso. Cabeça de Jano bifronte. Reverso. Proa do navio.

pesas ocasionadas pelas guerras púnicas, o Senado decretou a redução da moeda que sucessivamente se foi dando, constituindo tantos sistemas monetários à base do pêso do seu estalão, o *aes*, quanto às reduções que êle sofreu.

REDUÇÕES DO AES.

Através dos tempos, o *aes* sofreu várias reduções no pêso, como vamos mostrar:

1.º — No ano de 286 a. C., o *aes* foi reduzido à metade do pêso da libra romana ou 163,5 grs. quando se constituiu no sistema denominado *semi-libral*.

2.º — Em 268 a. C., o *aes* sofreu uma nova redução, conservando, porém, seu valor legal. A êsse sistema deu-se o nome de *sistema sextantário*.

3.º — Em seguida, no ano 217 a. C., seguindo gradativamente sua diminuição, temos os *aes uncial*, instituído pela *Lei Flamínia*.

4.º — Em 89 a. C., pela *Lei Papíria*, tivemos o *aes semi-uncial*.

Foram várias as razões que permitiram essas reduções do *aes*, entre as quais a primeira, atribuída à falência do Estado, pela mudança no sistema geral da libra latina para a meia libra romana; a segunda, para ajustar o bronze com a prata então cunhada pela primeira vez em Roma.

O *aes* teve também os seus múltiplos, nomeadamente ao dar-se a sua redução já em moedas efetivas, tôdas elas de cobre e fundidas.

MÚLTIPLOS E SUB-MÚLTIPLOS DO AES.

Teòricamente, os *múltiplos do aes* são os seguintes:

Divisões	Valor
Dupondius	2 aes
Tripondius ou tressis	3 "
Quadrussis	4 "
Quincussis	5 "
Sextussis	6 "
Septussis	7 "
Octussis	8 "
Nonussis	9 "
Decussis ou decapondius	10 "

Poder-se-ia continuar assim, até ao *centussis* (100 aes). Mas a maior parte destas peças, jamais foram emitidas; eram *moedas de conta*. Houve sòmente uma exceção para o *dupondius*, o *tripondius*, e o *decussis*, quando estas moedas na época da redução

do *aes*, fizeram uma aparição passageira na moedagem romana; pode-se dizer que a peça mais forte posta em circulação, foi o *aes*, com o pêso de 327 grs.

Os *sub-múltiplos* do *aes*, ou como querem alguns, os múltiplos da onça, eram os seguintes:

Divisões	Valor
Aes	12 onças
Deunx	11 "
Dextans ou decunx	10 "
Dodrans	9 "
Bes	8 "
Septunx	7 "
Semis	6 "
Quincunx	5 "
Triens	4 "
Quadrans	3 "
Sextans	2 "
Uncia	1 "
Semuncia	1/2 "

Um certo número destas moedas, como o *deuns* e o *septuns*, não foram jamais emitidas; as outras, o foram acidentalmente. As únicas peças que estiveram em circulação no sistema do aes libral não reduzido e que por outro lado persistiram com reduções sucessivas, tanto tempo quanto a moedagem de bronze da República, foram: o *aes*, o *triens*, o *quadrans*, o *sextans* e a *onça*.

Houve ainda no numerário romano, como *moeda de conta*, o *talento* ou *centupôndio* (*centussis*) igual a 100 aes ou 60 *minas*. A *mina* correspondia a 455 gramas, donde ser o *talento* igual a 27 kg. e 300 grs.

INDICAÇÃO DO VALOR.

A indicação do valor figura sempre sôbre a moeda. A grande unidade ou o *aes*, é representado por um traço vertical I; a pequena unidade ou *onça*, por um ponto ou glóbulo. Os múltiplos do *aes* se exprimem pela repetição do traço I, até o *quadrussis* inclusive; a partir do *quincussis*, emprega-se nos textos o sinal I, combinado com os seguintes:

V = 5
X = 10
↓ = 50
C = 100

Os múltiplos da *onça* demonstram-se pela repetição do glóbulo ou ponto, não havendo exceção senão para o *semis* que ge-

ralmente é representado pela inicial S. Vamos dar um quadro de conjunto do sistema, tal como se verifica sôbre as próprias espécies:

Decussis	X
Quincussis	V
Quadrussis	IIII
Tripondius	III
Dupondius	II
Aes	I
Semis	S
Quincunx	o o o o o
Triens	o o o o
Quadrans	o o o
Sextans	o o
Uncia	o
Semuncia	Σ

TIPOS.

O *aes* apresenta no anverso uma divindade e no reverso a proa de um navio voltada à direita que, como já vimos, significava o poder de Roma ou segundo outros, a chegada de Júpiter à Itália. O tipo se conservou sempre o mesmo e só nas últimas emissões a proa do navio foi voltada para a esquerda.

Há ainda um outro caráter que permite distinguir no primeiro golpe de vista, as moedas de bronze uma das outras. Vejamos:

Divisões	Divindades
Aes	Jano Bifronte
Semis	Júpiter
Triens	a cabeça com o capacete da deusa Roma, sob os traços de Minerva
Quadrans	Hércules
Sextans	Mercúrio
Uncia	a cabeça da deusa Roma, idêntica a que aparece no *triens*.

QUADRO DOS VÁRIOS SISTEMAS DO AES REDUZIDO.

Aes libral primitivo.

Pêso da libra latina (273 gramas), ano 335 a. C.

Aes	12 onças	ou	1	libra	.....	grs.	273
Semis	6 "	"	1/2	"	.....	"	136,50
Triens	4 "	"	1/3	"	.....	"	91
Quadrans	3 "	"	1/4	"	.....	"	63,25
Sextans	2 "	"	1/6	"	.....	"	45,50
Uncia	1 "	"	1 1/2	"	.....	"	22,75

Aes semi-libral — 268 a. C.

Pêso da meia libra romana de 327 grs.

Aes	6 onças	ou	1/2	libra	.... I	163,500	grs.
Semis	3 "	"	1/4	"	.... S	81,750	"
Triens	2 "	"	1/6	"	.... oooo	54,500	"
Quadrans ..	1/2 onça	"	1/8	"	.... ooo	40,570	"
Uncia	1/2 "	"	1/24	"	.... oo	27,250	"
Sextans	1/2 "	"	1/24	"	.... o	13,625	"

Aes sextantário da libra romana — 268 a. C.

Aes	2 onças	ou	1/6	da	libra	54,500	grs.
Semis	1 onça	"	1/12	"	"	27,250	"
Triens	2/3 "	"	1/18	"	"	18,166	"
Quadrans ..	1/2 "	"	1/24	"	"	13,625	"
Sextans	1/3 "	"	1/36	"	"	9,083	"
Uncia	1/6 "	"	1/72	"	"	4,541	"

Aes uncial — 217 a. C. — *Lei Flamínia*.

Pêso de 1/12 da libra romana.

Aes	1 onça	ou	.....	27,250	grs.
Semis	1/2 "	"	.....	13,625	"
Triens	1/3 "	"	.....	9,083	"
Quadrans	1/4 "	"	.....	6,812	"
Sextans	1/6 "	"	.....	4,541	"
Uncia	1/12 "	"	.....	2,270	"

Aes semi-uncial — 89 a. C. — *Lei Papíria*.

Pêso de 1/24 da libra romana.

Aes	1/2 onça	ou	.....	13,625	grs.
Semis	1/4 "	"	.....	6,812	"
Triens	1/6 "	"	.....	4,541	"
Quadrans	1/8 "	"	.....	3,406	"
Sextans	1/12 "	"	.....	2,270	"
Uncia	1/24 "	"	.....	1,135	"

Durante o período da República, as espécies dos sistemas reduzidos, mais leves, conservaram sempre os mesmos tipos e as mesmas marcas do valor.

MOEDAS ROMANO-CAMPÂNICAS.
412 à 543 (342 à 211 a. C.).

Paralelamente ao sistema monetário romano, fundido ou cunhado nas oficinas monetárias de Roma e do Lácio, um outro numerário se desenvolvia fora de Roma, cunhado nas cidades de Campânia, do Sânio e da Apúlia, para as necessidades das tropas romanas. São peças de estilo grego que trazem a legenda *Roma* ou *Romano*, muito antiga forma do genetivo plural, algumas vêzes inscrita inversamente como sôbre as moedas gregas arcaicas. Duas peças de bronze, de pequeno módulo, com os tipos da cabeça de Apolo e do touro com a face humana, com a legenda precipitada, foram cunhadas em 427 a. C., quando Charilans, habitante de Nápoles, entregou a cidade aos romanos.

A série dita romano-campânica, cunhada fora de Roma, compreende também o *aes* pesando 327 gramas, isto é, o pêso da libra romana, subdividida em *triens* (4 onças), *quadrans* (3 onças), *sextans* (2 onças) e *uncia*. O pêso destas subdivisões é sensìvelmente variável, pois conhecem-se três espécimes do *quadrans* com os mesmos tipos, mas pesando respectivamente 40, 25 e 5 gramas.

Prata — Além da moeda de bronze, encontramos na série romana-campânica, a moeda de prata baseada no sistema grego da didracma e da dracma de prata, ao qual se juntava algumas vêzes a legenda *Roma* ou *Romano*.

Foi provàvelmente em Cápua que foram cunhadas entre os anos 317 e 211, as numerosas peças de prata de Jano Bifronte e da quadriga de Júpiter com a cabeça de Marte e do cavalo, ou com o protome do cavalo, da cabeça de Apolo e do cavalo, peças sôbre as quais se lê sempre a legenda *Roma*.

A relação da prata para o bronze, era de 1 para 120.

Ouro — Mais tarde foram cunhadas também na Campânia poucas moedas de ouro, de dois tipos diversos.

1.º *tipo* — No anverso, a cabeça de Jano Bifronte e no reverso o juramento de aliança e a legenda *Roma*.

2.º *tipo* — No anverso a cabeça de Marte e a águia no reverso. Série composta de três moedas com a indicação dos valores.

LX	60	sestércios	3	escrópulos		3.411	grs.
XXXX	40	"	2	"		2.274	"
XX	20	"	1	"		1.137	"

Os tipos das moedas campânicas, indicam claramente a proveniência grega e são provàvelmente obra de artistas helênicos.

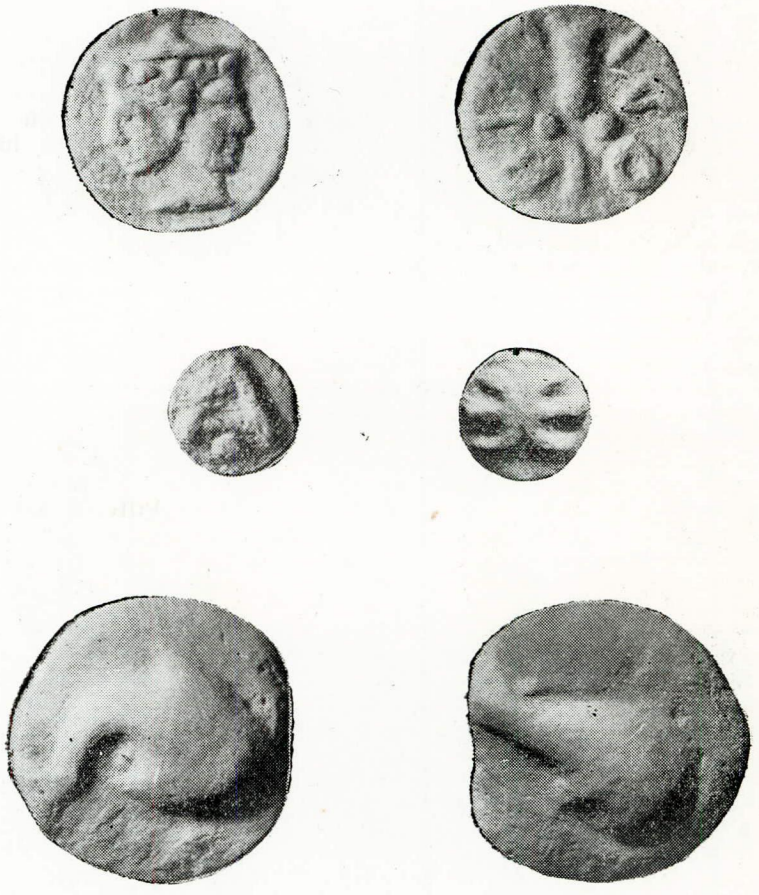
Fig. 54. — *Moedas romanas. Aes grave.*

1. — *Roma*, série libral. a/ Jano bifronte. r/ proa voltada à direita.
2. — *Roma*, série libral. a/ Jano bifronte. r/ proa voltada à esquerda.
   Nota — a marca do valor aparece sòmente no reverso.
3. — *Latium* e *Campânia*L a/ cabeça de Apolo à direita. r/ cabeça de Apolo à esquerda.
   Nota — esta peça é extremamente rara.

Fig. 55. — *Moedas romanas. Aes grave.*

1. — *Roma. Quadrans* (o o o). Cabeça de Hércules à esquerda. R/ proa à direita.
2. — *Latium* e *Campânia. Triens* (o o o o). Cabeça de cavalo nas duas faces da moeda.
3. — *Latium* e *Campânia. Quadrans* (o o o). Mão aberta nas duas faces e como símbolo ao lado, maça, clava ou martelo de madeira.

Fig. 56. — *Moedas romanas. Aes grave.*



1. — *Apúlia-Velátria. Sextans* (o o). Cabeças unidas e sob os cabelos uma espécie de chapéu. R/ uma clava ou maça.
2. — *Apúlia-Asculum. Uncia* (o). Grande inicial e sob esta a marca. R/ raios.
3. — *Picenum-Hatria. Terúncio.* A/ um delfim. R/ uma raia.
Terúncio (do latim *teruncius* de *ter*, três vêzes e *uncia*, onça). Moeda que valia um quarto do aes, pesando 3 onças (a onça romana eqüivalia a 27,19 grs. e o *terúncio* a 71,57 grs.). Esta moeda tinha estampada numa das faces uma cabeça de Hércules ou de Ceres e na outra um golfinho, um estrigil, um navio, etc.

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
da Sociedade Brasileira de Numismática.